

ROMANCE DE UMA VELHA
Joaquim Manuel de Macedo

COMÉDIA EM CINCO ATOS

PERSONAGENS

VIOLANTE
CLEMÊNCIA
IRENE
ACROBATA
BRAZ
CASIMIRO
MÁRIO

PORFÍRIO
AUGUSTO
LEOPOLDO
POLIDORO
LAURIANO
TIMÓTEO
Criado

Multidão – concurso de senhoras e cavalheiros.

A ação da comédia se passa na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1869.

ATO I

Chácara em um dos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro: Jardim espaçoso, que parece estender-se para o lado direito, onde fica em meio elegante casa, de que aparece a varanda de colunas e com escada para o jardim; ao lado esquerdo, gradil e portão de ferro, que abre para a rua; bancos de relva; perto do portão, cadeiras rústicas.

CENA I

VIOLANTE, em luto aliviado trajando decentemente, mas fora da moda, e trazendo touca a antiga e óculos fixos; BRAZ, vestido com igual decência, mas sem pretensões a elegância. Vem ambos conversando para o lado do portão; logo depois CASIMIRO, no maior apuro da moda, de luvas e bengalinha, desce da varanda.

VIOLANTE – No outro tempo não era assim! por fim de contas tudo está mudado.

BRAZ – Tudo, madrinha; e para no-lo provar basta um espelho *et coetera*. (*Sentam-se*) Como Casimiro vem *chic*!

VIOLANTE (*A Casimiro e depois de benzer-se*) Estás de ponto em branco, e trazes uma gravatinha que te assenta, como a minha touca assentaria na cabeça de tua filha.

CASIMIRO – Vou dar um curto passeio e volto já para tomar café.

VIOLANTE – Vais ver a nossa vizinha? para velho tens bom gosto; mas Deus te perdoe a intenção.

BRAZ – Não apoque o rapaz, madrinha! anda, Casimiro, aproveita a mocidade.

CASIMIRO – Também tu?...

BRAZ – Defendo a nossa causa; nascemos no mesmo ano, quando o Brasil

subiu a reino, descemos ou nos fizeram descer para este vale de lágrimas: 1815! meio século e mais quatro anos só! é a estação das flores! Vai ver a bela vizinha, rapaz.

VIOLANTE – Por fim de contas das três uma: ou namoras por vaidade, ou queres casar, ou pretendes seduzir.

CASIMIRO – Escolha à sua vontade qualquer das hipóteses.

BRAZ – Que suave condescendência! ouviu, madrinha? ele está por tudo; aceita a linda vizinha em todas as hipóteses.

VIOLANTE – Se namoras por vaidade, cais em cheio no grotesco: um velho namorando uma menina, o inverno rendendo finezas à primavera, é como...

BRAZ – É como um general brincando com bonecas, e um frade barbadinho dançando a polca... entretenimentos inocentes...

CASIMIRO – Então casa-me?

VIOLANTE – Viúvo, com dois filhos, e tendo cinquenta e quatro anos, se casasses com uma menina de dezoito, merecerias que a própria noiva no fim de poucos meses te desse de palmatória.

BRAZ – *Et coetera*, madrinha, *et coetera*.

CASIMIRO – Resta a sedução: arvore-me em Fanblau ou em Casanova.

VIOLANTE – É nos *casasvelhas* que a sedução se mostra mais perversa e imperdoável. Por fim de contas, Casimiro, toma cuidado: quem tem telhado de vidro, não atira pedradas.

CASIMIRO – Não a entendo.

BRAZ – Nem pode entender: pois se a madrinha está falando em português!

VIOLANTE – Lembra-te de Clemência, que também é donzela e pobre.

CASIMIRO – Mas, graças a meus desvelos, perfeitamente educada. É capaz de pô-lo em dúvida?

VIOLANTE – Sou.

BRAZ – Magnífico!

CASIMIRO – E esta? Violante, você é a mais impertinente das velhas.

VIOLANTE – Clemência é boa menina por dotes que deve à natureza; tu, porém, deste-lhe uma educação que faz pena; preparaste nela uma boneca e não uma senhora, um atavio de sociedades e não um tesouro do lar doméstico; não a ornaste, afeitaste-a; e por fim de contas tomaste-a jóia falsa, resplendendo por fora, como diamante, e valor intrínseco nulo. Nem ao menos a ensinaste a amar a Deus; mas, em compensação, ela parece amar o próximo desesperadamente.

CASIMIRO – Que quer dizer, Violante?

VIOLANTE – Clemência aceita a corte de quantos lha querem fazer, e sorri a todos os mancebos; é verdade que por fim de contas ela tem bonitos dentes.

CASIMIRO – Minha filha sabe ser agradável sem comprometer-se.

VIOLANTE – Cumpria que fosse mais recatada. As donzelas devem ser como as flores cultivadas em estufas.

CASIMIRO – Para irmãs de caridade? nós cultivamos essas flores ao ar livre da boa sociedade. Você é um anacronismo vivo: quer que tudo se passe como no tempo do rei.

VIOLANTE – Se dirigiu mal a filha, ao filho muito pior.

CASIMIRO – Vamos lá: que acha em Mário?

VIOLANTE – É um vadio: está abandonado à mãe dos vícios, à ociosidade; aos vinte e três anos de idade Mário só se ocupa de andar trocando as pernas.

CASIMIRO – Há um ano que me empenho por obter para ele um emprego no tesouro ou na alfândega; isso, porém, hoje é tão difícil!

VIOLANTE – O irmão da vizinha não é empregado público e sustenta a mãe e a

irmã com o seu trabalho.

BRAZ - Mas não tem a honra de sentar-se à mesa do orçamento; é um original que com a vacina do trabalho independente preservou-se da emprego mania. Casimiro é sábio. Mário deve andar trocando as pernas até que o governo lhe dê, à custa do Estado, um par de muletas.

CASIMIRO – Não os posso sofrer mais: vocês entendem-se admiravelmente: nasceram um para o outro: foi pena não se terem casado... Vejam se ainda é tempo.

VIOLANTE – Antes uma boa morte.

BRAZ – De acordo, madrinha. (*Casimiro sai pelo portão*).

CENA II VIOLANTE e BRAZ

VIOLANTE – Por fim de contas no meu tempo não era assim.

BRAZ – A madrinha dá forte e rijo, mas há de cansar. Casimiro é incorrigível, e nesta casa toda a família padece, porque a cabeça desatina: eu já cansei de ralhar; a madrinha também há de cansar.

VIOLANTE – Não hei de; sou teimosa, cumpro meu dever, e agora tenho privilégio.

BRAZ – Privilégio? para ralhar?

VIOLANTE – Sim; enquanto fui pobre, se tivesse vindo morar com eles, creio que seria bem tratada; mas a campainha das minhas censuras acabaria por aborrecê-los, e eu me curvaria à imposição de silêncio; prudente, deixei-me sempre na companhia do meu bom tio e padrinho, e hoje, e desde quatro meses rica herdeira de quinhentos contos de réis por morte desse meu segundo pai, são eles, meu irmão e sobrinhos, que moram comigo, e a velha celibatária elevou-se a irmã e tia veneranda com direito de dizer tudo quanto lhe vier à cabeça.

BRAZ – Anda por aí boa dose de injustiça: Casimiro e seus filhos nunca a esqueceram nem a desamaram.

VIOLANTE – Agora, porém, adoram-me... por fim de contas...

BRAZ – Alto lá, madrinha! fui triste enjeitado que seus pais adotaram e educaram, e a lembrança do benefício não me permite ouvir levantar aleives ao filho e aos netos de meus pais de adoção: são uns cabeças de vento, mas corações de ouro sem liga.

VIOLANTE – Sabes que os amo; não confio porém no juízo deles, e a prova é que não foi a Casimiro, e sim a ti que entreguei a administração dos meus bens e a guarda da minha riqueza.

BRAZ – Deus sabe se teve razão: só o futuro lhe poderá dizer que imenso miolo de hipocrisia e de egoísmo se esconde por baixo desta bonita casca fisionômica.

VIOLANTE – Por fim de contas farei a experiência.

BRAZ – Pois que me preferiu a seu irmão legítimo, que é um velho gaiteiro, mas homem honrado, merecia que, em minha qualidade de procurador de causas, eu aproveitasse na administração da sua fortuna a lição do epigrama de Bocage. Ah! mal pensa no que fez e ao que se expôs! a madrinha não sabe o que vai pelo mundo; a falta de dinheiro tem desenfreado a sagrada fome, *sacra fames auri*, que é coisa nunca vista; olhe há uma epidemia de pouca vergonha, um frenesi de viver à custa alheia, uma *cholera morbus* de velhacaria *et coetera, et coetera*, que a cidade do Rio de Janeiro está cheia de... *et coetera*, madrinha, *et coetera*.

VIOLANTE – Pões-me tonta.

BRAZ – E é para tontear! quero dizer que em caso de epidemia ninguém é

atacado por sua vontade: as gentes não são de ferro, e a madrinha, confiando-me a gerência da sua riqueza, expôs-me cruelmente ao contágio epidêmico.

VIOLANTE – Tens língua de serpente, Braz; mas fala-me sério: o mundo chegou deveras a tanta baixeza?

BRAZ – Sim, madrinha; o mundo subiu a essas alturas.

VIOLANTE – Santo Breve! no meu tempo não era assim.

BRAZ – Era; cada época tem suas moléstias sociais; no nosso tempo de outrora havia deformidades que horrorizavam; o meu tempo de hoje é outra coisa: é uma estragação que faz gosto! à parte a epidemia reinante, de que há pouco falei, brilham os costumes com todo o esplendor da lua da civilização em quarto minguante e com todo o impulso do progresso em andar de caranguejo.

VIOLANTE – Por fim de contas...

BRAZ – As idades se confundem: salvas as exceções importunas, os meninos vão para a escola pendurados em grandes charutos, e marcam as lições com as cartinhas das namoradas; os jovens fumam ao *lasquet*, instruem-se no alcazar, e ceiam em colégios noturnos; os velhos agarram-se à mocidade postiça e no furor de remoçar tropeçam no ridículo e jogam as cambalhotas, como na infância; é o mundo às avessas: não acha que tem sua graça?

VIOLANTE – E as senhoras?

BRAZ – São invioláveis e sagradas; para mim elas fulguram pela irresponsabilidade. Não tenho notícia de costumes censuráveis, de educação falsa, e de erros de senhoras, que não provenham da influência masculina; na vida social os homens fazem-se, as senhoras são feitas; por consequência, pecado de senhora, penitência ao homem. Mas... não atassalhemos a sociedade: eu gosto de dar à língua; porém, a justiça deve começar por casa: a madrinha quer cortar na pele dos seus parentes?

VIOLANTE – É o teu ofício: mãos a obra!

BRAZ – Que tem que dizer de Casimiro? estaria rico, se não fosse esbanjador; mas que quer? há duas paixões em moda: é pecar no sexto e ainda em outro dos mandamentos da lei de Deus, e é regra de bom gosto que, quanto mais velho, mais pecador. Como Casimiro há tantos!...

VIOLANTE – É desmoralização! aqueles que deviam ensinar com o seu exemplo...

BRAZ – E ensinam, a pecar pelo menos. Mário não cuida em outra coisa: namora, joga, extravagância, e disse: não; faz mais: passeia em cavalo de raça que é a ocupação das suas horas vagas.

VIOLANTE – E Clemência?

BRAZ – Inviolável e sagrada; para que lhe deram o nome de Clemência? não tem culpa de ser muito clemente; asseguram-lhe todos que é formosa; ora, o trabalho e a fadiga são nocivos à formosura, e, portanto, ela passa os dias a limpar e a delgaçar as unhas que usa crescidas, como a imperatriz da China; o pai se ufana de vê-la realçar-se nas sociedades; é lógico pois que ela despenda com vestidos e enfeites muito mais do que o vaidoso está no caso de gastar com a filha. Eu não vejo que censurar em Clemência.

VIOLANTE – Hás de repetir tudo isso diante deles.

BRAZ – Seria a milésima edição de uma obra, de que não se tivesse vendido um só exemplar das novecentas e noventa e nove; mas vire agora a folha e leia no verso: Casimiro é um negociante modesto, porém honradíssimo; Mário é generoso e sensível; Clemência é honesta, paciente e de ótimo caráter na vida doméstica; são três anjos pelos corações que parecem três diabos pela falta de juízo.

VIOLANTE – Por isso ralharei até rebentar ou corrigi-los.

BRAZ – Tratarei de preparar o meu luto; porque a madrinha rebenta.

VIOLANTE – Braz, é deles que hoje me preocupo; há na vida três idades: a idade em que se vive pelos outros, a idade em que se vive com os outros, a idade em que se vive para os outros; estou nesta última: aos sessenta e dois anos chegaram-me as nozes, quando já não tenho dentes; a minha riqueza é apenas um depósito, pertencerá a vocês mais tarde.

BRAZ – Que tentação! madrinha, não repita isso, que faz calafrios... as cócegas da herança são capazes de fazer-me ir conversar com algum químico sem consciência.

VIOLANTE – Ainda não fiz testamento.

BRAZ – É o que lhe vale: declaro-me inofensivo provisoriamente.

VIOLANTE – O gracejo é de mau gosto.

BRAZ – Gracejo! o caso é muito sério e os dois animais mais sérios deste mundo são o burro e o dinheiro; creio que foi por isso que se chamou burra a arca pecuniária.

VIOLANTE (*Vendo Clemência.*) – Até que enfim.

CENA III

VIOLANTE, BRAZ e CLEMÊNCIA, *vestida com exageração da moda*

BRAZ – Amanheceu.

CLEMÊNCIA – Engana-se; a hora é quase do crepúsculo da tarde. (*Chega ao portão.*)

BRAZ – Segue-se que me enganei na hora; mas não me enganei com o Sol: sinto que o crepúsculo preceda apenas ao ocaso.

CLEMÊNCIA – Não se aflija; há sóis que brilham também de noite. (*Senta-se.*)

VIOLANTE – Modéstia até aí! Clemência, o Braz está se divertindo contigo: tu mesma, se te julgasses formosa, como o Sol, não levarias tanto tempo a enfeitar-te diante do espelho.

CLEMÊNCIA – Que erro! só as feias fogem do espelho. O toucador tem encantos!... é claro que não falo de mim; quando, porém, uma moça bela e gentil, em pé, defronte do espelho, se embevece, contemplando a sua imagem, ao mesmo tempo que com suave e preguiçoso pente alisa as ondas de seus formosos cabelos, e admira o contraste da negrura deles com o marfim de seus ombros magníficos, e sorri de indizível satisfação que ainda se exalta com o reflexo da graça do seu riso, do mimo da sua boca, da brancura e pureza de seus dentes, da flama celeste, irresistível do seu olhar... é claro que não falo de mim... criatura feliz, privilegiada, rainha de corações... oh! o tempo corre e ela o não sente... as horas passam no gozo do êxtase... da bem aventurança da consciência...oh! o espelho é tão doce!... tão embriagador!... tão feiticeiro!... titia, às vezes eu fico aí presa manhãs... tardes inteiras...

BRAZ – É claro que ela não fala de si.

CLEMÊNCIA – Só conheço um enlevo igual a esse.

VIOLANTE – Juro que não será ocupação séria.

CLEMÊNCIA – É o baile, titia.

BRAZ – Ao menos é expansiva e franca: então o baile...

CLEMÊNCIA – É a festa do amor e o triunfo da beleza; o baile é a liça ruidosa e fulgurante das senhoras que se disputam a primazia, combatendo-se com os olhos, com os sorrisos, com as graças do semblante, com a gentileza do corpo, o espírito e as prendas, com os brilhantes que ofuscam, com o *bouquet*, com o leque delicado que perguntam e respondem, e então... a mais bela... não falo de mim, repito; a mais bela

suspira surpreendida pelo fim da noite que voara, e em que ela esquecera o passado, e não pensara no futuro excitada pela música, arrebatada pela valsa, embriagada de incensos, aturdida de elogios, soberana de escravos, ídolo de admirações, ensurdecida pelos hinos, e feliz, imensamente feliz, porque a luz da sua beleza resplandeceu como a flama do incêndio, deixando o fogo em vinte ou mais corações...

VIOLANTE – Misericórdia! por fim de contas no meu tempo não era assim.

CLEMÊNCIA – Era, titia; ou no seu tempo não havia moças.

BRAZ – Mas em último caso o que dá de si o baile?

CLEMÊNCIA – Dá antes de tudo o gozo do que chamam vaidade, que é a poesia da vida da moça bela e gentil. A vaidade! falem de nós os senhores que morrem por comendas, títulos, grandezas, e que põem em guerra a humanidade para serem ministros de estado só pelo gosto de trazerem ordenanças atrás dos carros: a vaidade! que seja vaidade; a nossa é menos nociva.

BRAZ – Concordo, menina, concordo, palavra de honra; mas além da satisfação da vaidade...

CLEMÊNCIA – No baile a mulher procura, e acha, ou pode achar a realização da sua única esperança de futuro, o amor, e pelo amor um marido apaixonado...

BRAZ – Bravo! um amor violento, porque desenfria na valsa, suave, porque engoma contradanças, e cheio de fogo, porque recorre aos sorvetes, que nunca faltam no baile!

VIOLANTE – Amor e marido apaixonado a compasso de música! hão de ser bons: prefiro o meu tempo, em que as donzelas se casavam pelo juízo dos pais; hoje em dia as moças casam-se pelo cálculo dos noivos, quando são ricas, ou por vento de felicidade rara, quando Deus permite.

CLEMÊNCIA – Que blasfêmia! é duvidar do poder da beleza, e descrer a influência dos anjos humanos.

BRAZ – Pois eu digo que a madrinha tem razão; a civilização e o progresso material mataram o amor, pelo menos na cidade do Rio de Janeiro; perdão... eu vou demonstrá-lo. O amor é uma espécie de sistema representativo, porque sem oposição degenera em água morna; o amor vive de desejos contrariados, de esperanças duvidosas, de saudades agridoces; tem o seu encanto no mistério, a sua força nos obstáculos, o seu brilho na adversidade; adora o segredo das negociações pendentes, como um ministro dos negócios estrangeiros; maldiz da luz e da publicidade, como um chefe de polícia, e salta por cima do direito e das leis, quando isso lhe faz conta, como o poder executivo.

CLEMÊNCIA – E depois disso...

BRAZ – A civilização e o progresso acabaram com todos esses elementos da vida do amor; para a saudade não há mais distâncias separadoras, por causa das estradas de ferro; o doce mistério de uma cartinha amorosa não se observa mais: os namorados vão ao *Jornal do Commercio* e escrevem para todos lerem: “C... Adoro-te sempre; hoje à tarde espera-me à janela, e me verás passar no meu cavalo baio; guarda-me a primeira valsa no baile do barão; não quero que dances com o moço de bigodes: teu louco apaixonado... E.” Já vê? o amor caiu na publicidade dos anúncios a seis vinténs por linha, e manifesta-se a pataca e meia.

CLEMÊNCIA – Está gracejando...

BRAZ – Dantes os lampiões a azeite deixavam à noite recantos escuros, onde o amante esperava ansioso o recado ou a resposta da amada; hoje veio a iluminação a gás e dissipou as sombras amigas; dantes os pais escondiam as filhas, e alguns minutos de confidência secreta eram raros favores devidos à astúcia ou ao acaso; hoje um moço e uma moça tratam do que chamam de amor, em casa, no baile, no teatro, no passeio, sem cuidados, nem cerimônias, e exatamente como dois agiotas que na praça do comércio

ajustam ações de uma empresa, de que eles próprios desconfiam; por conseqüência...

CLEMÊNCIA – Há de ser curiosa a conclusão!

BRAZ – Por conseqüência o amor, o verdadeiro amor, privado dos seus elementos de vida e de estímulo, desertou, fugiu para longe da cidade do Rio de Janeiro, onde tomou-lhe o lugar o cálculo enfeitado pela cortesia; não há mais amantes, há calculistas; não há mais amadas, há calculadas.

CLEMÊNCIA – Então... atualmente o amor...

BRAZ – É uma operação de aritmética.

CLEMÊNCIA – A beleza, as graças, o merecimento de uma senhora....

BRAZ – São agradáveis orações incidentes no período gramatical do casamento.

CLEMÊNCIA – E a oração principal?

BRAZ – O dinheiro: prova irrecusável; o Sol tem já vinte anos de idade, e ainda não conseguiu casar.

CLEMÊNCIA – Porque ainda não quis escolher.

BRAZ – Pois escolha, e se alguma lua minguante com um dote avultado lhe disputar o escolhido, verá que, apesar da luz do Sol, fica solteira.

CLEMÊNCIA – O senhor calunia a sociedade e ofende a formosura; titia, freqüente comigo os bailes e o teatro, e verá o desmentido eloqüente. .

VIOLANTE – Não... não... perguntariam e saberiam quem sou... e chegariam ao conhecimento da minha herança de quinhentos contos de réis..

CLEMÊNCIA – Que importa isso?

VIOLANTE – Não quero expor-me a roubar-te os namorados.

CLEMÊNCIA (*Desatando a rir*) – Ah! ah! ah!

BRAZ – Não ria; juro que a madrinha seria sua rival preferida por muitos.

CLEMÊNCIA (*Rindo-se mais.*) – Ah! ah! ah!...

BRAZ – Preferida, mostrando-se mesmo de touca e óculos, como está.

CLEMÊNCIA (*Rindo cada vez mais.*) – Ah! ah! ah!

VIOLANTE – Estás me provocando!

CLEMÊNCIA – Que extravagante idéia!

BRAZ – Caso de aposta...

VIOLANTE – Braz...se não fosse o ridículo!

BRAZ – Vale a pena pela lição.

VIOLANTE – Aposto.

BRAZ – Designe o seu mais ardente apaixonado! (*A Clemência.*)

CLEMÊNCIA – Um é pouco: designarei... (*Pensando.*) três, não bastam?

VIOLANTE – Que batalhão tem ela!

CLEMÊNCIA – E quem perder a aposta?

VIOLANTE – Recolher-se-á ao convento d’Ajuda por dois anos; eu farei todas as despesas perca quem perder.

CLEMÊNCIA – Aceito, reservando-me o direito de perdoar.

BRAZ (*Pondo a mão no ombro de Clemência.*) – Coitada da recolhida!

CENA IV

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA e MÁRIO

MÁRIO – Titia! (*Beija a mão a Violante.*) – Senhor Braz! (*Aperta a mão de Braz.*)

CLEMÊNCIA – Vens de má cara. (*Aperta-lhe a mão.*)

MÁRIO – Fui a um almoço dado à Ristori; antes lá não fosse, éramos trinta os festejadores do gênio... e dos trinta vinte e nove titulares, comendadores, ou filhos de

barões e viscondes, de homens altamente condecorados... a única exceção fui eu...

BRAZ – Desataste a chorar.

MÁRIO – Eu tenho idéias... declarei-me republicano; era um recurso...

BRAZ – E chamam tolo ao Mário!

MÁRIO – Tolo?... mas isto não deve continuar assim; é indispensável que nos enobreçamos, para que eu não torne a ser exceção, e para que Clemência case com algum titular, ou pelo menos capitalista rico.

CLEMÊNCIA – Obrigada; não preciso...

VIOLANTE – Como porém se há de improvisar a tua nobreza, cabeça de vento? nossa família foi sempre honrada, mas nem de longe tem cheiro de fidalguia; meu avô foi alfaiate, e com fama de boa tesoura...

MÁRIO – Ninguém mais se lembra dele, e a titia, em vez de recordar essa desconsolação, bem podia resolver o problema.

VIOLANTE – Como?

MÁRIO – Que falta lhe fazem dez ou doze contos de réis? com eles dados ao tesouro meu pai ficava em quinze dias barão da guerra, ou barão do hospício...

BRAZ – Mas o teu republicanismo?

MÁRIO – Deixei-o no almoço; a titia há de pensar na hipótese; agora tenho outros cuidados. Clemência, é imprescindível que eu depene o jardim... preciso de um cesto de flores... consentes?

CLEMÊNCIA – Que há?

MÁRIO – Uma atrocidade. Certa súcia, indigna quadrilha de perversos, pretende esta noite patear a mais bonita dançarina do alcaçar; é verdade que ela dança horivelmente; mas é o mesmo: os *habitués* de bom gosto vão defendê-la, e haverá chuva de flores, e tempestade de murraças; não posso faltar.

CLEMÊNCIA – É parvoíce e escândalo brigar por semelhante gente.

MÁRIO – Não é da tua conta; quero um cesto de flores.

VIOLANTE – Não há de ir.

MÁRIO – Hei de, titia; é ponto de honra. Clemência, manda depenar o jardim... dois cestos não serão demais... até já... vou ver Hipogrifo...

CENA V

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, MÁRIO (*que ia sair e volta*), CASIMIRO, IRENE e LAURIANO; logo depois criado que traz o café, de que todos se servem

BRAZ (*A Mário*) – Não vais ver o Hipogrifo?

MÁRIO (*A Braz*) – Esta moça é até capaz de fazer-me esquecer o meu cavalo.

CASIMIRO – Trago para o jardim a rainha das flores. (*Cumprimentos de todos.*)

MÁRIO (*A Lauriano*) – Disseram-me que o folhetim da *Reforma* sobre as últimas corridas do Prado saiu da sua pena?

LAURIANO (*A Mário*) – Um rude ensaio... não entendo da matéria... desculpe o folhetim.

MÁRIO (*A Lauriano*) – Ao contrário, admirável! obrigadíssimo por Hipogrifo!

CLEMÊNCIA (*A Lauriano*) – Li o seu folhetim, e gostei muito; obrigada por Mário.

CASIMIRO (*A Irene*) – Espanta-me que eles possam pensar em outra coisa que não seja a sua formosura!

IRENE (*A Casimiro*) – O senhor teima em zombar de mim. (*Trocando um olhar com Mário.*)

VIOLANTE (*A Braz*) – Braz, no meu tempo não era assim; por fim de contas

olha a cara desfrutável de Casimiro.

BRAZ (*A Violante*) – No seu tempo não era assim; mas era de outro modo, que vinha a dar na mesma coisa.

CLEMÊNCIA (*Levando Irene pelo braço*) – D^a. Irene, você passa a noite conosco?

IRENE (*A Clemência*) – Não posso; Lauriano tem trabalho urgente, e minha mãe não permite que eu fique sem ele.

CLEMÊNCIA (*A Irene*) – Além da felicidade da sua companhia, só você, ficando conosco, poderia conseguir obstar uma grande imprudência...

IRENE (*A Clemência*) – Qual?

CASIMIRO (*Indo a Irene*) – Protesto contra o monopólio; Clemência não tem o direito de usurpar-nos d^a. Irene. (*Traz Irene a sentar-se e conversa com ela.*)

MÁRIO (*A Braz*) – Não acha que meu pai está caindo no ridículo? (*A Lauriano*) Magnífico folhetim! venha amanhã à tarde visitar Hipogrifo.

CLEMÊNCIA (*A Lauriano*) – Dá-nos a sua companhia esta noite? esperamos algumas famílias amigas: o seu sacrifício será mais suave.

LAURIANO (*A Clemência*) – As famílias que espera serão por certo muito amáveis; mas só por quem tão cativadora me fala o sacrifício é não poder ficar.

CLEMÊNCIA (*A Lauriano*) – Sei que trabalha assíduo, e que hoje tem apressada tarefa, mas eu sou egoísta, e apraz-me experimentar o que mereço; demore-se aqui até a meia-noite, ainda que depois trabalhe até o romper da aurora.

LAURIANO (*A Clemência*) – Se eu chegasse a acreditar que o deseja!

CLEMÊNCIA (*A Lauriano*) – Gosto de ser despota: ordeno.

LAURIANO (*A Clemência*) – E o escravo obedecerá feliz.

VIOLANTE (*A Braz*) – O que observo me põe a cabeça à roda. (*A todos.*) É quase noite... porque não entramos?... (*Levantam-se todos.*)

CLEMÊNCIA (*A Irene*) – Seu irmão fica; é necessário que Mário não nos deixe, esta noite haverá desordem no alcaçar, e ele quer ir...

IRENE (*A Clemência*) – Desordem... no alcaçar?... pois não há sempre?... (*A Mário*) Quando há novas corridas, sr. Mário?

MÁRIO – Daqui a dois meses... V. Ex. irá ao Prado?

IRENE – Desejo muito; Lauriano prometeu levar-me.

MÁRIO – Sublimizarei Hipogrifo...

IRENE (*Mais baixo*) – Sinto-me ditosa, porque vou passar a noite em sua casa...

MÁRIO (*A Irene*) – Logo esta noite... quando um ponto de honra me aparta...

IRENE (*A Mário*) – Ah!... perdão... não ousou pedir-lhe a preferência de algumas horas que me aditariam... sei bem que pouco valho...

CASIMIRO (*A Braz*) – Mário tem tomado uns modos tão inconvenientes que começa a desagradar-me... não reparas!

BRAZ (*A Casimiro*) – Estou vendo... é claro que ele gosta da vizinha; pendor da família!

IRENE (*A Mário*) – Se eu tivesse poder sobre o senhor, exigiria que ficasse...

MÁRIO (*A Irene*) – Exige de um soldado a deserção na hora da batalha! esperam-me, d^a. Irene; palavra de honra que contam comigo...

CASIMIRO – Não vais hoje ao alcaçar, Mário?

MÁRIO (*A Braz*) – Já viu esta?... (*Alto.*) Não, senhor; hoje passo a noite em casa: meu pai quer o meu bilhete?...

CASIMIRO – Esqueces que hoje a noite é de recepção, adoidado?

MÁRIO – Ah! é verdade! mais uma razão para que eu não saia de casa.

VIOLANTE (*A Braz*) – Braz! Braz! por fim de contas no meu tempo não era

assim.

(Vão-se todos para a casa; Braz conduz Violante, Lauriano acompanha Clemência. Mário apodera-se de Irene, Casimiro de mau modo segue perto destes dois.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

ATO II

Passeio Público do Rio de Janeiro: ao fundo, o Outeiro dos Jacarés, tendo aos lados as escadas que dão subida para a varanda; nos planos até a frente, quanto se puder aproveitar, copiando o sítio.

CENA I

VIOLANTE e BRAZ, CLEMÊNCIA e AUGUSTO, CASIMIRO e PORFÍRIO; até o fim do ato, concurso de passeadores de ambos os sexos

VIOLANTE – Quero descansar aqui por alguns minutos.

CASIMIRO – Liberdade plena; subo com Porfírio ao terraço... gosto muito da vista da barra. *(Segue com Porfírio.)*

CLEMÊNCIA – Eu vou com o sr. doutor até a ponte rústica. *(Segue com Augusto.)*

BRAZ – Cuidado não caia, d^a. Clemência: o corrimão da ponte está meio estragado.

AUGUSTO *(A Clemência)* – Aquilo é comigo.

CENA II

VIOLANTE *sentada*, BRAZ *em pé*

BRAZ – Aquele sujeito que acompanha Clemência é um dos três namorados da aposta.

VIOLANTE – Teimas em querer envolver-me em semelhante embrulhada?

BRAZ – A madrinha teve sempre queda para pregar peças; ensaie esta comédia; basta que se finja disposta a casar-se, que se mostre um pouco sensível, que... *et coetera... et coetera.*

VIOLANTE – Por fim de contas tenho sessenta e dois anos: é inverossímil.

BRAZ – Inverossímil! com quinhentos contos e depois dos cinquenta anos quanto mais velha mais noivos a escolher... pela regra das probabilidades...

VIOLANTE – Mas os três designados amam Clemência, apesar de pobre.

BRAZ – Não amam, namoram: a diferença é enorme.

VIOLANTE – Queres por força que eu me abaixe a parecer velha ridícula e néscia?

BRAZ – Por oito dias só: verá o ensino que daremos e a confusão que irá pela casa.

VIOLANTE – E no fim?

BRAZ – Haverá desengano de tolos e abatimento da vaidosa.

VIOLANTE – Braz, eu não gosto de brincar; quando, porém, me atiro à zombaria é como no tempo em que jogava o entrudo.

BRAZ – E assim é que deve ser; começaremos hoje, e aqui mesmo. *(A um*

homem que passa.) Humilde servo de V. Ex. (*Cumprimentam-se.*)

VIOLANTE – Quem é?

BRAZ – Um candidato a concordata próxima, ou a falência que deixa inteiro o quebrado: a madrinha não compreende? pois eu lho explico de modo tão lúcido que no fim da explicação ainda menos entenderá.

VIOLANTE – Ora venha mais essa.

BRAZ – Há quebrar, e quebrar; quebrar direito que deixa um homem sem serventia: é o infortúnio de banqueiros e negociantes honrados, a quem prejuízos inevitáveis e os desconcertos de muitos arrastam fatalmente para ruína imerecida: esses são uns patetas, que a sociedade castiga com o menos-cabo, porque ficam pobres; quebrar torto é outra coisa: é uma sorte de equilíbrio, em que o bom ginástico se entorta, fingindo cair para levantar-se mais direito. Entendeu?

VIOLANTE – Vou percebendo, Braz.

BRAZ – Pois é a estes que me refiro; concordata quer dizer a discordância afinada entre o devedor e os credores; falência quer dizer grande sobra realizada pela mágica da rebentação; exemplo: este meu amigo deve à praça mais de quatro mil contos e calcula suavemente com o sacrifício de quinze por cento para consolação dos credores; mas pode crer que ele fica inteiro depois de quebrado, e que por isso a sociedade há de cumprimentá-lo com todo o respeito. (*A um velho e uma jovem que passam.*) Escravo submisso da excelentíssima!... senhor comendador, sempre a remoçar! (*Cumprimentam-se.*)

VIOLANTE – A filha deste velho é bem bonita!

BRAZ – Vinte e um anos e sua esposa há dois.

VIOLANTE – Que!

BRAZ – O meu amigo comendador é menos velho do que parece; não lhe pesam os setenta anos que completou há oito dias; o santo homem é um pouco muçulmano: passando às suas quintas núpcias ao desposar aquela moça, nem por isso emendou-se dos costumes antigos; mudou de odalisca há três meses e entretém com prodigioso luxo uma menina de dezesseis anos, comprada à miséria de seus pais. Ah! esquecia-me de prevenir a madrinha que ele conta numerosos e jovens amigos.

VIOLANTE – E a pobre mulher?

BRAZ – Inviolável e sagrada: vive abençoando com ambas as mãos a odalisca, e tem um primo, doutor em medicina, que receita ao velho marido passeios frequentes e distrações fora de casa.

VIOLANTE – Que língua envenenada!

CENA III

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA e AUGUSTO

CLEMÊNCIA – A titia já viu o peixe boi?

VIOLANTE – Ainda não: vens apresentar-mo?

CLEMÊNCIA – O sr. Braz pode encarregar-se disso: agora vou ao terraço ver o mar.

AUGUSTO – O mar?... é a imagem da inconstância: não se espelhe no mar. (*Vão-se.*)

CENA IV

VIOLANTE e BRAZ

VIOLANTE – E por fim de contas Casimiro como abandona assim a filha?...

BRAZ – Casimiro não abandona, confia a filha; ele tem mais que fazer, e nós também; reparou que Clemência trazia na mão um ramalhetinho de violetas?

VIOLANTE – Reparei...

BRAZ – Pois agora é o dr. Augusto que o traz ao peito.

VIOLANTE – É escandaloso! de dia tão claro!... no meu tempo não era assim.

BRAZ – Já sei: no seu tempo era de noite que se davam os ramalhetes; mas daqui a pouco darei ao dr. Augusto informações da madrinha; creio que logo depois um passeio pelo braço desse cavalheiro lhe fará bem, e... se a madrinha não for peca, o ramalhetinho de violetas será seu.

VIOLANTE – Isso tenta... Braz, penso que começa a desmoralizar-me.

BRAZ – Será uma vitória digna dos seus óculos e da sua touca.

VIOLANTE – Do meu dinheiro, queres dizer.

BRAZ – A palavra tem o seu pudor, disse Lamartine; eu respeito as conveniências. (*Vendo passar uma moça.*) Olá! temos revolução no jardim! aí vai a Acrobata.

VIOLANTE – Que é a Acrobata?

BRAZ – Uma das vinte desmentidoras da moléstia da época; uma das vinte pestes que dão público testemunho da saúde perfeita da situação econômica. Brada-se por toda parte: “não há dinheiro!” oh! se há! e sobra tanto que as mãos cheias se atira no lenteiro.

VIOLANTE – Como é isso?

BRAZ – Como esta mais dezenove no galarim; carros com parelhas magníficas, cada dia novo e riquíssimo vestido, pérolas, brilhantes, cinquenta contos por ano multiplicados por vinte mil contos dados ao culto do vício torpe, afora as ceias e orgias, afora a milenária escala da lubricidade, que vai descendo até a ralé da infâmia. E não há dinheiro! mentira; prova da mentira: a Acrobata pela vigésima parte.

VIOLANTE – Então... essa desgraçada criatura...

BRAZ – Delírio de solteiros e casados, de rapazes e de velhos; a Acrobata é o tipo da unidade, porque bebe, come, sonha, deseja e exige sempre uma coisa única – dinheiro; dá caridade, porque ama sem exceção e com perfeita indiferença a todos que lhe dão – dinheiro. A Acrobata é um prodígio; madrinha, subamos à varanda, acompanhemos a Acrobata.

CENA V

VIOLANTE, BRAZ, LEOPOLDO e TIMÓTEO

TIMÓTEO (*A Leopoldo*) – O peixe boi saiu do lago para conversar com o Braz de Souza.

LEOPOLDO (*A Timóteo*) – Com efeito, é a velha mais horrível que tenho visto; é uma coruja monumental promovida pelo demônio a velha criatura humana.

BRAZ – Preclaríssimos amigos! (*Cumprimentam-se.*)

TIMÓTEO – Sr. Braz! minha senhora!

LEOPOLDO – Minha senhora! (*A Braz*) Como passou de ontem? adivinha-se... perfeitamente ditoso.

BRAZ (*Apresentando*) – A sra. d^a. Violante, irmã do nosso amigo Casimiro.

TIMÓTEO – Oh! minha senhora... tenho muita honra... (*Fala a Violante.*)

LEOPOLDO (*A Braz*) – Mas... é um dragão de feia!

BRAZ (*A Leopoldo*) – Não me desanimes... estou apaixonado-me; onde a vês, é solteira ainda, e herdou há quatro meses de um tio e padrinho a insignificância de quinhentos contos de réis.

LEOPOLDO (*A Braz*) – Um! meio milhão! (*Olhando*) reparando-se bem, não é tão feia, como à primeira vista me pareceu; os óculos e a touca dão-lhe até certa graça...

VIOLANTE – Vamos, Braz. (*Cumprimenta aos dois.*)

BRAZ (*Aos dois*) – Até logo. (*Indo-se com Violante.*) Já deixei um iscado.

VIOLANTE (*A Braz*) – Quem?

BRAZ (*A Violante*) – O de *pince-nez*: é dos três designados por Clemência. (*Vai-se com Violante.*)

CENA VI TIMÓTEO e LEOPOLDO

TIMÓTEO – Ainda não vi a tua bela Clemência; mas a horrorosa tia nos garante o feliz encontro; a tia é a noite que precede a aurora.

LEOPOLDO – A noite... eu gosto da frescura da noite... porém a aurora não tarda a aparecer, e é bela como os amores...

TIMÓTEO – E leviana, inconstante, como as borboletas; olha, há mais namorados de Clemência do que candidatos ao trono de Espanha. Eu não me casava com ela.

LEOPOLDO – Nem eu; quem pensa em casamento! com uns cinquenta contos de réis de dote seria ouro sobre azul; mas pobre, como é, afigura-se-me um banco de emissão sem fundo de reserva metálico.

TIMÓTEO – E neste maldito tempo, em que andam todos à bolina, furtando o vento.

LEOPOLDO – É verdade, não há casa sólida; a minha começou, que era a quem mais caía com o mel! mas a estagnação do comércio! os sustos e as concentrações do Banco do Brasil, que dantes consolava a gente! a casa ainda vai bem, vai muito bem; mas se eu ajeitasse uma noiva que me enchesse os olhos com o dote, eim?

TIMÓTEO – Para que então perdes o teu tempo com Clemência?

LEOPOLDO – Ora! ela é que o perde comigo; eu divirto-me, namoro-a pela mesma razão porque vou ao teatro, ou ao circo da Guarda-Velha. Se ao menos a tia desse a quinta parte do que possui à sobrinha!

TIMÓTEO – Pois a tia é rica?

LEOPOLDO – Meio milhão!... quinhentos contos de réis de herança, diz o Braz.

TIMÓTEO – Meio milhão! é caso de bater bandeiras: quinhentos contos! que senhora de bem! vale quinhentas vezes mais do que a sobrinha!

LEOPOLDO – Se o Braz não mente, vale. Uma velha bem velha, se é rica, é preferível à moça mais formosa, precisamente porque é a precursora infalível da moça formosa.

TIMÓTEO – Não entendo: mas concordo pela regra da preferência.

LEOPOLDO – A moça tem longa vida diante de si e não morre nem a poder de ceias, de vigílias, de constipações, de indigestões, do diabo, e portanto significa um casamento sem probabilidade de viuvez; a uma noiva bem velha e bem rica enche-se de brilhantes, leva-se a todos os bailes e a todos os teatros, dá-se-lhe sorvetes quando o calor excita mais a transpiração, faz-se cear *mayonaise*, peru a *Eglantine*, fiambre e cabeça de porco, até que uma boa indigestão a livre dos trabalhos deste mundo, ficando o marido com o testamento que arranjou, e então ele se consola da morte da velha enfeitando-se com uma noiva moça e bonita... bem entendido, se a fortuna não lhe depara segunda velha ainda mais rica. Vamos procurar Clemência. (*Vão-se*)

CENA VII

MÁRIO, POLIDORO, logo a ACROBATA e imediatamente CASIMIRO e PORFÍRIO

POLIDORO – A Acrobata é bonita rapariga; mas eu prefiro o amor platônico e as emoções do *lasquet*.

MÁRIO – Vai pois ver as damas dos teus baralhos, e deixa-me apanhar de surpresa a Acrobata, e na passagem tomar-lhe contas de certo logro. (*Ocultá-se*)

POLIDORO (*Afastando-se*) – Aí vem ela. (*Para e espera*)

ACROBATA (*A um mocinho que lhe sorri*) – Cresça e apareça.

CASIMIRO (*A Porfírio*) – Violante e Clemência nos seguem? (*Polidoro faz de balde sinais a Mário*)

PORFÍRIO (*Olhando para trás*) – Não. (*Continuam os sinais de Polidoro*)

CASIMIRO (*Quase junto da Acrobata*) – Ficas esta noite em casa?

ACROBATA – Isso é conforme: em todo caso não dormirei na rua.

CASIMIRO – Vai passar pelo outeiro...

ACROBATA – Queres dar-me cerveja? (*Mário e Casimiro esbarram-se um com o outro*) Adeus, pequeno! (*Rindo-se*)

CASIMIRO (*A Porfírio*) – Evidentemente o Mário está muito desmoralizado!... começo a suspeitar que até me espia! (*Desaparece a Acrobata*)

MÁRIO (*A Porfírio*) – Meu pai está perdido: é de uma inconveniência que me vexa. (*Indo-se*)

POLIDORO – Já tinha idade para limitar-se ao *lasquet*. (*Vão-se os dois*)

CENA VIII CASIMIRO e PORFÍRIO

CASIMIRO – O tratante vai sem dúvida encontrar-se com a Acrobata; não posso, não devo segui-la: seria indecoroso. Mas donde tira ele dinheiro, chave de ouro para abrir a porta do inferno daquele demônio?

PORFÍRIO – Ah! Casimiro! estas mulheres são perversas: na gíria dessas harpias os mocetões da nossa idade têm um nome horrível, um nome com cheiro de armazém de secos e molhados.

CASIMIRO – Que nome?

PORFÍRIO – Paios, a explicação tu sabes.

CASIMIRO – Mas a Acrobata é uma perdição... e demais está na moda... confesso-me doído por ela. Aquilo é uma centopéia de encantos!

PORFÍRIO – E a linda Irene?

CASIMIRO – Amor de outro gênero... loucura de outra espécie...

PORFÍRIO – E ela... vai-se abrandando... pendendo... caindo?

CASIMIRO – Exagera o recato: creio que é porque ainda não lhe falei em casamento.

PORFÍRIO – E que demora é essa tua?

CASIMIRO – Sabes que sou o modelo dos pais: hesito em dar madrasta a meus filhos.

PORFÍRIO – Quem diz que te cases? prometer não é cumprir. Irene, rapariga pobre, depois de seduzida julgar-se-ia feliz, tendo casa e tratamento sob a proteção e os cuidados do teu amor. Eu, apesar de casado, não tive dúvida em arranjar uma dessas distrações.

CASIMIRO – E a comadre?

PORFÍRIO – Consola-se com os filhos e nada lhe falta; aos cinquenta e dois anos perdeu o direito de opor embargos: é guarda nacional da reserva.

CASIMIRO – Ah! Porfírio! se ela te ouvisse...

PORFÍRIO – Rufa em casa, como um tambor; por isso ando sempre por fora; tu estás em melhores condições, és viúvo; faze o que te disse, Irene é uma economia, porque te fará esquecer a Acrobata.

CASIMIRO (*Suspirando*) – Ah! seu eu fosse rico...

PORFÍRIO – Que farias?

CASIMIRO – Tomava ambas; eu adoro o belo sexo... é o meu fraco; todavia... pensarei no teu conselho... mas...

PORFÍRIO – Que é?

CASIMIRO – E o sr. Mário eclipsou-se!

PORFÍRIO – Naturalmente: ele o sol, a Acrobata a lua, tu ficas sendo terra; deuse o eclipse.

CASIMIRO – O que me espanta é a desmoralização da mocidade!

PORFÍRIO – Tens razão; porque os velhos, como nós, dão aos moços o exemplo da mais austera virtude; ora viva lá! sejamos francos: são os pais que deitam a perder os filhos, tem paciência, e vamos ver as moças. (*Vão-se*)

CENA IX

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, AUGUSTO e LEOPOLDO

CLEMÊNCIA – Como são belos os cisnes! que colos majestosos!

LEOPOLDO – Há quem tenha mais admirável pescoço.

CLEMÊNCIA – Pode-se saber quem é?

LEOPOLDO – É segredo meu; mas todos os dias por mais de uma vez lho revelam.

CLEMÊNCIA – Já adivinhei; mas desconfio do revelador.

LEOPOLDO – Por que?

CLEMÊNCIA – O meu espelho deixou-se corromper pela lisonja. (*Conversam*)

BRAZ (*A Violante*) – O doutor já está harpoadado: não perca tempo.

VIOLANTE (*A Braz*) – Por fim de contas vou entrar no fogo. (*Alto*) Clemência fica discorrendo sobre os colos dos cisnes, enquanto continuo a apreciar as reformas do Fialho.

BRAZ – Eis o meu braço madrinha.

VIOLANTE – Você nada me explica; apenas sabe maldizer do próximo: se o sr. doutor quisesse sacrificar dez minutos à minha companhia...

AUGUSTO – Oh, minha senhora! vossa excelência me transporta com esta distinção.

CENA X

BRAZ, CLEMÊNCIA e LEOPOLDO

BRAZ – A madrinha cometeu dois estelionatos; um contra mim, roubando-me o seu braço, outro contra d^a. Clemência, roubando-lhe o dr. Augusto.

CLEMÊNCIA – Está vendo que não posso queixar-me; minha tia somente me poupou a um embaraço de cortesia; o sr. Leopoldo vai ter a bondade de mostrar-me o viveiro de plantas de mr. Graziaux.

LEOPOLDO – Abençoada seja a minha fortuna! (*Vão-se os dois*)

BRAZ – Também eu abençôo a minha fortuna, que me traz dali o meu amigo Polidoro.

CENA XI
BRAZ e POLIDORO

POLIDORO – “Ela vai-se! e com ela vai minha alma!” amigo... (*Saúda*) que contraste!

BRAZ – Entre ela que vai-se e eu que fiquei?

POLIDORO – Não; eu me explico: tenho na vida duas paixões, a do amor platônico e a do *lasquet*; no *lasquet*, quando paro mais forte, é sempre nas damas; no passeio, no baile, cortejo por devoção a todas as senhoras.

BRAZ – Mas d^a. Clemência...

POLIDORO – A essa amo, adoro; porém não me interrompa; nunca pensei que houvesse dama que me fizesse recuar de medo, e hoje... aqui mesmo... ind’á pouco... misericórdia! sabe quem é a velha que vai pelo braço do sr. Augusto?.

BRAZ – É dama de ouros.

POLIDORO – Como dama de ouros?

BRAZ – Irmã de Casimiro, minha preclara madrinha, feliz celibatária, a quem um tio legou há quatro meses a insignificante fortuna de quinhentos contos de réis.

POLIDORO – Olá!... então d^a. Clemência, como sobrinha, está em perspectiva de riqueza? bem o merece: é tão bela!

BRAZ – Qual! a velha é um verdadeiro tipo de avareza, complicada com a mania do casamento. Apesar de afilhado, acho-a medonha; mas meio milhão é dinheiro e já me apresentei candidato.

POLIDORO – E casa-se com ela?

BRAZ – Quem me dera! a velha imagina impedimentos por ser minha madrinha, e, tomando-me por agente e procurador de seus cabedais, rejeita-me como noivo. Há dois meses que me ferve o sangue por isso!

POLIDORO – É uma dama de página muito feia e verso muito bonito! quinhentos contos de réis... ah! eu já possuí cerca de cem, e em três anos perdi-os todos com as damas do baralho, e de fora do baralho; mas então eu não sabia os segredos do *lasquet*! ah, meu Braz! com meio milhão e bons parceiros, em um ano pode-se ganhar nem sei quantos milhões! a sua madrinha, não digo que seja horrível... digo... na verdade, aqui para nós, não é bonita; é, porém, sublime.

BRAZ – E... “Ela vai-se: e com ela vai minha alma!”

POLIDORO – Mas o senhor, que é o procurador, o fac-totum da... velha, tem as mãos sobre os quinhentos contos de réis...

BRAZ – Martírio de Tântalo! se eu não fosse afilhado! oh! antes não me tivessem batizado.

POLIDORO – E todavia o senhor não joga; não compreende as emoções do *lasquet*!

BRAZ – E que vem isto ao caso?

POLIDORO – É o caso de cem sortes a dobrar! eu amo doidamente a encantadora d^a. Clemência... mas...

BRAZ – É coisa sabida: conta-se com o casamento...

POLIDORO – Sr. Braz... a que horas pode ser procurado amanhã para negócio importante?... os amigos devem entender-se.

BRAZ – No meu escritório até às três horas da tarde.

POLIDORO – Quinhentos contos de réis... deveras?

BRAZ – Palavra de honra: quinhentos contos de réis e mais alguns quebrados que não chegam a um.

POLIDORO – Que idade tem a respeitável senhora?

BRAZ – Está quase a completar os sessenta e três.
POLIDORO – Não é absolutamente velha; pareceu-me que roçava pelos cinquenta; sem a touca e sem os óculos há de ganhar muito...
BRAZ – A mim se me afigura um anjo ainda mesmo de touca e óculos.
POLIDORO – Anjo de salvação é... sr. Braz, amanhã ao meio-dia em ponto irei ao seu encontro.
BRAZ – Chiton.

CENA XII
BRAZ, POLIDORO, CASIMIRO e PORFÍRIO

CASIMIRO (*A Porfírio*) – Vês? também aqui não está; seguiu a Acrobata, positivamente é um rapaz de costumes pervertidos...
PORFÍRIO (*A Casimiro*) – Deixa-o aproveitar o seu tempo.
CASIMIRO (*A Porfírio*) – Mas por que diabo há de logo aproveitá-lo com a Acrobata?
BRAZ – Vejo que te aborrece o passeio: vens com fisionomia de logrado, a quem furtaram o relógio.
CASIMIRO – É isso pouco mais ou menos, mas onde estão as senhoras?... o tempo está se enfarruscando de repente.
BRAZ – Aí chega a primeira.

CENA XIII
BRAZ, POLIDORO, CASIMIRO, PORFÍRIO, CLEMÊNCIA e LEOPOLDO
(Escurece rapidamente: começa a retirar-se a gente que concorrera ao Passeio)

CLEMÊNCIA – A titia? que é dela?...
BRAZ – Ainda não voltou; o dr. Augusto lhe está explicando as reformas do Fialho.
CASIMIRO – E o tempo vai a pior: temos aguaceiro certo.
CLEMÊNCIA – O povo começa a retirar-se: ainda bem que o nosso carro está à porta do jardim.
BRAZ – Eis a madrinha...e como vem alegre...

CENA XIV
BRAZ, POLIDORO, CASIMIRO, PORFÍRIO, CLEMÊNCIA, LEOPOLDO,
VIOLANTE e AUGUSTO

VIOLANTE (*Chegando-se a Clemência e cheirando o ramalhete de violetas*) – Como é suave o perfume das violetas! gostas dele Clemência?
BRAZ (*A Clemência*) – Que ingratidão! derrota número primeira.
CLEMÊNCIA (*A Braz contrariada*) – Como? não ouvi: ah! sim... mas a chuva...
(Rompe a chover; Leopoldo, Augusto e Polidoro abrem os guarda-chuvas e correm a Violante)
LEOPOLDO – Minha senhora!
AUGUSTO – Excelentíssima!
POLIDORO – Minha senhora!... (*Braz desata a rir*)
VIOLANTE – Basta-me um guarda-chuva!
PORFÍRIO – Até mais ver! (*Vai-se correndo*)

CASIMIRO – Mas Clemência está se inundando! um guarda-chuva para a menina, senhores!

BRAZ (*Abrindo grande guarda-chuva inglês*) – Eis aqui a barraca do Braz! (*A Clemência*) Está vendo? um velho amigo vale mais do que três namorados. (*Multidão de ambos os sexos a fugir da chuva, uns com chapéus de chuva e outros sem eles; Violante segue enfim ao braço de Leopoldo. Polidoro também a serve, inclinando para a frente o guarda-chuva; Augusto fazia o mesmo, mas Casimiro agarra-se a ele e o conquista à força. Braz a rir leva Clemência desapontada. Corrida geral*)

FIM DO SEGUNDO ATO

ATO III

Sarau em casa de Violante; a grande varanda sobre o jardim que fica ao fundo; portas aos lados comunicando com o interior da casa; ao lado direito parece ficar o salão da dança e da música.

CENA I

CASIMIRO e IRENE

IRENE – Basta, senhor! não posso ouvi-lo mais; até hoje tenho tolerado lisonjas que me pareciam gracejos de um homem idoso a uma menina; nem um só instante, porém, autorizei pretensões, que, ainda mesmo sendo honestas, me causariam repugnância. Agora o senhor acaba de levar as suas impertinências até um ponto, além do qual me aviltaria com a injúria...

CASIMIRO – Calunia as minhas intenções... atenda-me, bela Irene!

IRENE – Lembrou-me a tempo a pobreza, e a triste posição da minha família... eu não devia ter entrado nesta casa... não é aqui o meu lugar... deixe-me... quero ir ver meu irmão.

CASIMIRO – É uma injustiça... protesto... não há de retirar-se... não perturbará com um desgosto esta reunião...

IRENE – Deixe-me passar... senhor...

CENA II

CASIMIRO, IRENE e VIOLANTE

CASIMIRO – Mana, reclamo a sua intervenção contra a nossa bela vizinha, que pretende retirar-se, supondo-se com dores de cabeça... (*A Irene*) por quem é! (*A Violante*) eu as deixo... mas você, Violante... prenda d^a. Irene aqui.

CENA III

IRENE e VIOLANTE

VIOLANTE – Que tem, menina?

IRENE – Tenho... seu irmão o disse, minha senhora... uma forte enxaqueca... eu não devia ter vindo... é castigo...

VIOLANTE – Enxaqueca! ah! eu sei o que isso é; e por fim de contas o egoísta queria obrigá-la a ficar! enxaqueca menina, vou chamar já seu irmão para conduzi-la. Coitadinha! (*Indo-se*)

CENA IV
IRENE, VIOLANTE e BRAZ

BRAZ – Não vá.

VIOLANTE – Por que?

BRAZ – A enxaqueca de d^a. Irene é um pretexto generoso...

IRENE – Senhor!

BRAZ – Não há murmurador que não seja curioso; nas reuniões e em toda parte o meu ofício é espreitar: nobre menina, eu ouvi tudo.

IRENE – Ah!

BRAZ – Não curve a fronte, onde julgue o diadema da honestidade; mas não há razão nem para tanto vexame, nem para tão brava revolta.

IRENE – Não há razão?

BRAZ – Madrinha, parvoíces de Casimiro! no meio de um fogo volante de juramentos de amor, o velho namorado lembrou a esta menina a humilde posição social de sua família, e a insuficiência de seus recursos, e procurou deslumbrá-la com a riqueza que ele espera partilhar com a irmã, meio milhão; explicou-se porém de modo, que d^a. Irene o entendeu mal.

IRENE – Do que ouvi a um insulto é pequena a distância...

BRAZ – Está confessando que não houve insulto...

VIOLANTE – Casimiro é tão capaz de todas as asneiras, como incapaz de uma ofensa.

IRENE – Ainda assim... devo, quero retirar-me.

BRAZ – Que teimosa! escute; a senhora não pode deixar-nos; a madrinha e eu formamos aqui uma espécie de maçonaria, em que ninguém mais devia entrar; a menina porém acaba de iniciar-se à força pela dignidade com que se houve repelindo Casimiro, e agora é fato consumado, está maçônica... eis o toque... (*Beija-lhe a mão*)

VIOLANTE – Entendo, Braz... ela há de ficar...

IRENE – É impossível... perdão, minha senhora... eu desprezo o dono desta casa.

BRAZ – D^a. Irene, o irmão da dona desta casa tem um filho...

IRENE – Sobrinho de uma senhora riquíssima, de quem será um dos herdeiros: eu o sei.

BRAZ – Meio ou muito estouvado; mas bom e elegante rapaz, a quem uma bela e ajuizada noiva pode bem fazer assentar a cabeça.

IRENE – Sim... confesso... eu o amava... amo-o talvez ainda; mas hei de vencer este amor: o pai de Mário abriu-me os olhos.

BRAZ – Já não é pequeno favor: e agora, com os olhos abertos, que vê?

IRENE – Vejo o meu horizonte, e não quero sair dele; há certas flores que se amesquinham, e, em vez de vicejar, desabrocham como que em constrangimento, quando a riqueza e o luxo as cultivam por meios artificiais fora dos seus climas; as moças pobres devem ser assim. Cada qual no seu horizonte; casamentos desiguais são erros perigosos; procurarei um marido entre os artistas ou os operários laboriosos.

VIOLANTE – Menina, meu sobrinho pertence absolutamente ao seu horizonte, menos pelo juízo e pelo labor; já vê que nem mesmo a iguala.

IRENE – Agradecida; este amor foi para mim até hoje doida fantasia poética; se, porém, amanhã o sr. Mário me pedisse em casamento, eu o rejeitaria; perdão... quero meu pobre irmão... quero ir-me embora...

BRAZ – Vamos procurá-lo; aceita o meu braço? pode aceitá-lo, não é de artífice, nem de artista, mas é de arteiro *et coetera*...

IRENE – Seja o que quiser; tenha a bondade de me levar a meu irmão.

BRAZ – Iremos pelo caminho mais longo para chegar mais depressa; até já, madrinha; verei se consigo serenar este anjinho encolerizado; menina, fui amigo de seu pai... no outro tempo... (*Indo-se com Irene*) antes não tivesse sido, e contasse trinta anos de menos... porque em tal caso, palavra de honra, tomava a enxó de carpinteiro, ou o buril de estatuário, para viver no seu horizonte. (*Vão-se os dois*)

CENA V VIOLANTE e AUGUSTO

AUGUSTO – Enfim, minha senhora, a fortuna, desde duas horas cruel, me depara o ensejo mais ardentemente almejado.

VIOLANTE – Para que, sr. doutor?

AUGUSTO – Para assegurar a v. ex. a profunda energia do terno sentimento que me inspirou e a pureza das minhas intenções...

VIOLANTE – Eu não compreendo... e a perturbação... o vexame... seria possível, sr. doutor?

AUGUSTO – A minha maior glória fora merecê-la em casamento...

VIOLANTE – A proposição me lisonjeia... mas quando penso que vou fazer sessenta e três anos daqui a dois meses.

AUGUSTO – Diana de Poitiers era bela nessa idade e Ninon de Lenclos inspirou ardente paixão aos oitenta anos.

VIOLANTE – Por fim de contas, não conheci essas senhoras...

AUGUSTO – É natural; elas floresceram em outros séculos.

VIOLANTE – Mas aposto que não usavam, como eu, de óculos e touca; ah, sr. doutor, quando o considero tão jovem, e tão bonito, com tanto direito a ser esposo de alguma linda moça...

AUGUSTO – Não me conhece ainda; jovem, tenho já austeros costumes; aborrecem-me essas meninas, para quem a vida consiste em vaidades e loucuras; o meu belo ideal é a majestade da senhora que passou além dos limites da idade dos desvarios; excelentíssima, nós nascemos um para o outro; v. ex. é para mim o páramo da vida tranqüila, a beatificação pela serenidade; eu sou o desinteresse que assegura a dedicação, o amor que garante a felicidade, e a ciência do direito que defenderá sem ambição a sua fortuna ameaçada pelos velhacos que enchem o mundo, e dos quais sou mortal inimigo.

VIOLANTE – Eu me sinto comovida... a ventura é tão grande... tão inesperada...

AUGUSTO – (*Ajoelhando-se.*) – Oh! serei pois tão ditoso!... (*Beijando a mão de Violante.*)

VIOLANTE (*Suspendendo-o.*) – Tenha dó da minha reputação... e dos tormentos do meu pudor; o seu pedido exige reflexão... deixe-me pensar... agora não estou em mim... mas... aqui mesmo... nesta varanda, receberá a minha resposta às duas horas da madrugada em ponto.

AUGUSTO – Que bárbaro adiamento da bem-aventurança que me sorria...

VIOLANTE – Também a mim me custa... creia; dou-lhe a mão a beijar para consolar-nos... mas depressa... que não chegue alguém...

AUGUSTO (*Beijando a mão.*) – Delícia! delícia!

VIOLANTE – Aí vem minha sobrinha...

AUGUSTO – Até às duas horas. (*Vai-se.*)

CENA VI

VIOLANTE e CLEMÊNCIA

CLEMÊNCIA – Muito bem, titia!

VIOLANTE – Estavas me espiando?

CLEMÊNCIA – Para que? a sua aparente vitória é manifesta: há meia hora Leopoldo, que simula desdenhar-me, fez-lhe em um passeio proposição semelhante à do dr. Augusto e recebeu a mesma resposta.

VIOLANTE – Por fim de contas uma hora antes Polidoro foi o primeiro.

CLEMÊNCIA – Acredito; mas porque a titia marcou aos dois e talvez também a Polidoro o mesmo lugar e a mesma hora para a decisão?...

VIOLANTE – Para te chamar e te pedir que me aconselhasses na escolha do noivo.

CLEMÊNCIA – Estás pois resolvida a casar-se?

VIOLANTE – Que pergunta! fala a verdade: no meu caso que farias?...

CLEMÊNCIA – Não sei responder, porque ainda não tenho a sua idade.

VIOLANTE – Fica pois sabendo que para a mulher o casamento é aos dez anos um brinquedo, aos quinze sonho dourado, aos vinte empenho aflitivo, aos trinta sede devoradora, aos quarenta desesperado desejo, e aos sessenta e daí por diante mais do que paixão, desatinada fúria; faz idéia, como estou entusiasmada! Clemência, em sinal de regozijo, proponho-te a anulação da nossa aposta.

CLEMÊNCIA – Rejeito esse favor, e peço outro: rogo-lhe que me conceda uma dilação.

VIOLANTE – Dilação de que?

CLEMÊNCIA – Da escolha do seu noivo; se se julga invencível, dê-me oito dias e verá que reconquisto os meus três apaixonados.

VIOLANTE – Oito dias é impossível, morro por casar-me; tu não me concederias oito horas, eu cedo três dias à tua louca vaidade.

CLEMÊNCIA – Três dias?... aceito. Confio na sua palavra; mas trema, titia, porque perdeu as suas vantagens. Veja bem, que tenho três dias. (*Vai-se.*)

VIOLANTE – Eu te daria trezentos sem receio de ser vencida. (*Vai-se*)

CENA VII POLIDORO e LEOPOLDO

LEOPOLDO – O seu procedimento não é de amigo, parece antes verdadeira traição.

POLIDORO – Em primeiro lugar, amigos amigos, negócios à parte; em segundo, qual de nós pode mais queixar-se do outro?

LEOPOLDO – Eu, que me apaixonei por d^a. Violante logo que lhe fui apresentado, logo que a vi, logo, logo...

POLIDORO – E se eu lhe dissesse que por ela me apaixonei antes de tê-la visto?

LEOPOLDO – É inverossímil: eis a prova da sua deslealdade comigo.

POLIDORO – Sr. Leopoldo, estamos sós; deixemo-nos de histórias; não há deslealdade, nem amor pela velha em nenhum de nós, o que ambos queremos é pescar o meio milhão.

LEOPOLDO (*Batendo no ombro de Polidoro*) – Maganão! como é despachado! pois sejamos amigos; embora eu não seja ambicioso, como o senhor, achando-me namorado de d^a. Violante, mas respeitando os seus cálculos, proponho-lhe que abandone o seu projeto de casamento, e se eu me casar com a velha dar-lhe-ei cinco por cento do que ela teve em legado.

POLIDORO – Aceite a mesma proposição, tal e qual.

LEOPOLDO – Mas então o senhor é um homem intransigível!...

POLIDORO – Faça-lhe a mesma observação, tal e qual.

LEOPOLDO – Deste modo nunca nos entenderemos.

POLIDORO – Parece.

LEOPOLDO (*Batendo-lhe no ombro.*) – Maganão! sejamos amigos eim? transação aceitável; de nós dois o vencedor, o feliz, indenizará o outro com os tais cinco por cento, pagos oito dias depois do casamento com a velha; eim?

POLIDORO – Há perfeita igualdade nas condições; salvam-se as entradas, como se diz no empate do trinta e um. Convenho. Palavra de honra?

LEOPOLDO – Na praça só o escrito obriga; assinaremos um contrato bilateral feito em regra e capaz de aparecer... porque...

POLIDORO – Perfeita igualdade de condições: convenho.

LEOPOLDO – Estamos de acordo. Maganão! e como vai de esperanças? vejo bem que a velha está pendendo para o seu lado...

POLIDORO – Qual! arrepia-me quando lhe falo em amor; mas hei de teimar...

LEOPOLDO – Que diabo! então é uma fortaleza; comigo é dura e muda como um rochedo; o senhor já lhe propôs à casamento?

POLIDORO – Ora! que pergunta! e o senhor?

LEOPOLDO – Eu ainda não me animei.

POLIDORO – Tal e qual como eu!

LEOPOLDO – Maganão!... creio que é melhor irmos dançar... mas sempre amigos..

POLIDORO – Perfeita igualdade de condições: convenho. (*Vão-se.*)

CENA VIII

VIOLANTE e LAURIANO (*Ouve-se o canto de uma senhora.*)

VIOLANTE – Conhece aquela senhora que canta?...

LAURIANO – De nome e de pessoa; mas não tenho relações com a sua família.

VIOLANTE – Admira que a não felicite com a sua amizade; dizem-me que ela é disputada pelas mais escolhidas sociedades.

LAURIANO – Eu não frequento as sociedades; por exceção vim aqui; sou muito pobre para subir até o mundo elegante, que custa muito caro.

VIOLANTE – Procure enriquecer depressa; o trabalho não basta para tanto; mas com o seu merecimento bem pode fazer casamento rico.

LAURIANO – As moças ricas não olham para mim... eu também não penso em amar inutilmente alguma delas...

VIOLANTE – Há casamentos de conveniência, em que uma senhora, ainda mesmo que não seja moça, pode enriquecer um mancebo, no seu caso.

LAURIANO – Na minha pobreza chegarei talvez a vender o meu relógio... que foi de meu pai; mas por certo que não venderei o meu coração.

VIOLANTE – Quem fala em venda de coração? não exagere o melindre. Por fim de contas figuro uma hipótese; sou velha e feia, não posso pretender nem pretendo ser amada; possuo porém avultada fortuna, e arreceio-me de parentes esbanjadores; se eu pois lhe dissesse: case comigo para aparar minha velhice com a sua amizade e com a sua paciência, como se fosse meu filho, e em troco da sua dedicação, do seu sacrifício, seja rico... brilhe... goze...

LAURIANO – Ainda bem que figurou uma hipótese, minha senhora, deixando-me a liberdade de responder-não-sem a mágoa de ofender pessoalmente vossa

excelência.

VIOLANTE – E se por fim de contas não fosse hipótese? se fosse de veras?...

LAURIANO – Ah! eu o sentiria profundamente...

VIOLANTE – Não se aflija por isso; o que o senhor... nobremente...repugna, há naquele salão mais de três que desejam e aspiram...

LAURIANO – Achará por certo mais de trinta, minha senhora; mas se eu fosse capaz de oferecer-lhe um conselho...

VIOLANTE – Aconselhar-me-ia...

LAURIANO – A desprezar miseráveis exploradores da fortuna alheia...

VIOLANTE – Que exaltação de conselheiro! por fim de contas explora-se de todos os modos, e eu lhe juro que por fim de contas a *tia está resolvida a casar-se, e a sobrinha ficará sem a herança com que se calcula.*

LAURIANO – Minha senhora.... julga-me com injustiça...

CENA IX

VIOLANTE, LAURIANO, CLEMÊNCIA, *por um lado*, BRAZ, *por outro*; BRAZ *quer prevenir* VIOLANTE, CLEMÊNCIA *pede que não*; *mímica expressiva de ambos.*

VIOLANTE – Sei aonde pega o carro... não é capaz de negá-lo! por fim de contas o senhor e Clemência namoram-se... Clemência deixa-se namorar por todos... e o senhor? namorava-a antes de conhecer-lhe a tia velha e rica? responda por fim de contas.

LAURIANO – Minha senhora; com efeito coube-me a honra de conhecer ao mesmo tempo a vossa excelência e a sua digna sobrinha, juntas nesta chácara; também é verdade que amo d^a. Clemência, a ela não me atrevi ainda a dizê-lo; mas a vossa excelência, pois que o pergunta, declaro-o...

VIOLANTE – Por fim de contas...

LAURIANO – Mas nem jamais pensei na herança possível ou provável de d^a. Clemência, nem ela até hoje me deixou exaltar com a glória do seu amor...

VIOLANTE – Pois a herança provável fê-se: eu caso-me; e o que possuo será do marido que me aturar...

LAURIANO – Tanto melhor para mim; darei expansão ao meu amor, e a Clemência, não rica, eu pobre ousarei confessar que a amo...

BRAZ – Madrinha! eu sou fiel... atenda que a escutam...

VIOLANTE (*Voltando-se*) – Oh!... escutavas?... pois ele não entrou na aposta.

CLEMÊNCIA (*A Lauriano.*) – Obrigada!... e pobre ou rica... (*Sinal de contradição dentro.*) é a nossa quadrilha... vamos! (*Vão-se ambos.*)

CENA X

VIOLANTE e BRAZ

BRAZ – Também este, madrinha?... olhe que caçava fora da coutada da aposta!

VIOLANTE – Foi muito incivil comigo; mas hei de ensiná-los.

BRAZ – É uma família de originais; não faz idéia quanto me custou reduzir d^a. Irene a ficar; precisei recorrer à retórica sentimental; ela, porém, jura que não torna mais a esta casa.

VIOLANTE – Desconfio muito de tanto desinteresse e de tanta virtude; no meio da enchente da desmoralização, não é natural a erupção de dois milagres em uma só família.

BRAZ – Isso é que é natural; deviam sair iguais; porque a educação foi o molde.

VIOLANTE – Tu tens queda para estes dois...

BRAZ – Conheci-lhes o pai, que era original, como eles, e a mãe é uma santa mulher, que sabe só trabalhar e rezar. Como vão os negócios? o sarau que improvisamos dá de si?

VIOLANTE – Ferve-me na cabeça uma idéia, de que talvez te ocupe depois; hoje empraizei os três pretendentes à minha mão de esposa para receberem a minha decisão às duas horas da madrugada em ponto aqui mesmo; cedi porém a Clemência três dias de dilação...

BRAZ – Foi um erro; devia tê-los negado: Clemência tem em mente algum golpe de estado.

VIOLANTE – Foi um acerto... eu te hei de dizer porque... começa a ferver-me certa idéia na cabeça.. quanto ao meu triunfo, é coisa certíssima.

BRAZ – Madrinha, a mocidade é traquinas, e como que se entende com o diabo, uma moça esperta é uma espécie de estudante de saia...

VIOLANTE – Que pode Clemência? por fim de contas está vencida.

BRAZ – Isto é como em eleições de deputados; até o lavar dos cestos há vindima. Nas eleições de deputados às vezes saem eleitos os que não tiveram votos; eu adivinho que Clemência vai fazer alguma duplicata.

VIOLANTE – Nem que faça triplicata por fim de contas.

CENA XI

VIOLANTE, BRAZ, IRENE e MÁRIO *que a segue.*

IRENE – Oh! é perseguição que excede as conveniências... sr. Mário...

MÁRIO – Apelo para o juízo frio e insuspeito da tia e do senhor Braz que estão aqui... é um caso de consciência...

BRAZ – A madrinha é autoridade na matéria, e eu sirvo-lhe de acólito: pode falar.

MÁRIO – Confesso que estou um pouco fora de mim; mas isso mesmo é melhor para o caso, porque quando estou fora de mim, digo as coisas com franqueza...

BRAZ – A conclusão é que quando está dentro de si: etc...

MÁRIO – Titia, ao começar o sarau d^a. Irene contradançou comigo, e mostrou-se bela... bela é mal aplicado, bela sempre ela é, e agora mesmo apesar de enfadada... mostrou-se branda; suave... meiga... quero dizer, eu digo tudo... mostrou-se terna.

IRENE – Senhor!

MÁRIO – Que mal há nisso? eu estava terníssimo: adianta-se a noite... peço-lhe um passeio...

BRAZ – A quem? à noite? os namorados são inimigos da gramática.

MÁRIO – E d^a. Irene diz-me que está fatigada: enfiei, mas dissimulei; quis conversar com ela; monossilabou-me dois minutos de má vontade e voltou-me logo o rosto; tive um ímpeto, mas contive-me; ainda há pouco enfim requeri-lhe uma valsa, note a tia, uma valsa, a pedra de toque, e sabe o que me respondeu? “não valso”; e isso com as pontinhas de uns lábios enregelados; recuei espavorido... veio-me a idéia que ela tivesse torcido algum de seus lindos pés...

BRAZ – E não torcera?

MÁRIO – Eis a gravidade do caso: não torcera; e logo depois a ingrata valsava, como um anjo, com um cavalheiro que me pareceu o diabo; apelo para a tia: que pensa do fato?

VIOLANTE – Que d^a. Irene não quis valsar contigo, e quis valsar com outro.

MÁRIO – E daí?

VIOLANTE – Ela estava no seu direito.

MÁRIO – Não estava: eis a gravidade do caso; eu, quando estou fora de mim, digo tudo... ela não estava no seu direito; porque... ora... eu estou fora de mim e digo tudo de uma vez... porque eu a amo, ela ama-me; por consequência, nós nos amamos.

IRENE – Minha senhora, não consinta que o sr. Mário abuse da minha posição...

MÁRIO – Que mal há nisso? que vexame pode haver no amor mais puro? eu o digo em alta voz: amo-a! o que lhe tenho dito cem vezes ao ouvido, repito-o, para que todos ouçam: amo-a! a senhora também já me confessou que ama-me; porque então me desfeiteou e me maltrata?...

BRAZ – Eu não supunha que os estróinas chegassem a ter eloquência; d^a. Irene, Mário tem razão, vá dançar com ele...

IRENE – Não dançarei mais esta noite.

MÁRIO – Está ouvindo? mas que fiz eu para ser tratado assim?

VIOLANTE – Estás em maré de infelicidades, Mário; ainda não sabes de outra, cuja notícia já corre, e *terá chegado ao conhecimento de d^a. Irene*; fala a verdade; esperavas um pouco que te coubesse algum dia uma parte da minha riqueza?...

MÁRIO – Sim... titia... para que mentir? tenho imaginado isso por vezes nas horas vagas.

BRAZ – Honra ao estróina!

VIOLANTE – Pois não tornes a imaginar: vou casar-me.

MÁRIO – Casar-se? na sua idade?... e a quem... perdão, eu ia dizendo uma asneira; mas a titia está doida?

VIOLANTE – Sinto que minha felicidade seja um infortúnio para meus parentes.

MÁRIO – Eu também sinto um pouco... é força dizê-lo; em todo caso rogo a Deus que seja feliz; mas... tornemos ao que mais importa...

BRAZ – Há então coisa que te importe mais agora?...

MÁRIO – Que pergunta! e o procedimento de d^a. Irene?

IRENE (*A Violante.*) – Não sei porque supôs que a nova do seu casamento já me tivesse chegado; eu a ignorava; v. ex., porém, é incapaz de enganar-nos; com certeza vai casar-se?

VIOLANTE – Dentro de oito dias estarei casada.

IRENE – E a sua fortuna? e os seus parentes?...

VIOLANTE – A minha fortuna será para meu marido a compensação da minha velhice; os meus parentes... hão de ter paciência...

IRENE (*A Mário*) – Quer valsar comigo?

MÁRIO – Case-se, titia! case-se! juro que seu marido não será mais rico do que eu. (*Vai-se com Irene.*)

CENA XII

VIOLANTE, BRAZ e logo CLEMÊNCIA

BRAZ – Ah! quem me dera ser Mário *et coetera!*

VIOLANTE – Acho que é fora do natural e até uma espécie de desacato haver quem ostente não dar importância à minha riqueza!

BRAZ – Madrinha... receio que a sua cabeça hoje... esteja... *et coetera...*

CLEMÊNCIA – Duas horas menos cinco minutos: estou presente.

VIOLANTE – Vem muito cheia de si... por fim de contas.

BRAZ – Foi pena que não contemplasse na oposta o apaixonado que vale mais

que os três multiplicados por trezentos mil.

CLEMÊNCIA – Estava injustamente condenado nas reflexões loucas do toucador.

BRAZ – Explique-se.

CLEMÊNCIA – Por meu castigo explico-me: eu tinha medo de amá-lo, porque para marido faltava-lhe com que comprar-me brilhantes.

BRAZ – E agora?

CLEMÊNCIA – Cada um tem os seus segredos, não é, titia?

CENA XIII

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA e AUGUSTO

AUGUSTO – Prazo dado de amor que é tarde sempre. (*Vendo Clemência.*) Ah!

CLEMÊNCIA – Não se incomode, sr. doutor.

AUGUSTO – No mais sério e estremecido empenho só me pode alvoroçar a dúvida do conseguimento da glória.

CLEMÊNCIA (*A Braz.*) – Este doutor é do direito ou do torto?...

BRAZ (*A Clemência.*) – Há casos em que o direito está na tortura: este é um deles.

CENA XIV

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, AUGUSTO e POLIDORO

POLIDORO – Dois minutos antes da hora: o relógio do verdadeiro amor anda sempre adiantado. (*A Braz.*) Que faz aqui o dr. Augusto?

BRAZ (*A Polidoro.*) – Também estou desconfiado: temo que a madrinha o queira tomar por advogado *et coetera*...

VIOLANTE (*A Clemência*) – Este nem caso fez da tua presença: reparaste?

CLEMÊNCIA (*A Violante*) – Eu tenho a dilação, madrinha: lembra-se?

CENA XV

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, AUGUSTO, POLIDORO e LEOPOLDO

LEOPOLDO – Duas horas: pontualidade inglesa; às ordens de vossa excelência!... (*A Polidoro*) Que significa a presença do dr. Augusto?

POLIDORO (*A Leopoldo*) – Baldo ao naipes! estou *in albis*.

VIOLANTE – Senhores, agradeço tanta bondade; infringindo as conveniências e os costumes da sociedade, eu os emprezei para a mesma hora e o mesmo lugar a todos três.

POLIDORO – Três!

LEOPOLDO (*A Augusto*) – O sr. doutor também?

AUGUSTO (*A Leopoldo*) – Admira-se?...

VIOLANTE – Eu procedi assim, não para ofendê-los, mas porque tive para mim que os senhores pensavam somente em zombar de uma velha...

AUGUSTO – Perdão... eu protesto...

LEOPOLDO – Minha senhora... reitero a minha proposição...

POLIDORO – E eu também com o coração nos lábios...

VIOLANTE – Era o que desejava muito ouvir diante do meu afilhado e de minha sobrinha: obrigada! agora, e isto é irrevogável, mais três dias para que os senhores reflitam, e para que eu também assente na minha escolha; daqui a três dias pois, no

domingo, os senhores terão a complacência de vir jantar conosco, e no fim do jantar dirigirei o último brinde ao preferido. (*Confusão e desapontamento dos três.*)

BRAZ – Talvez fosse melhor fazer o brinde da preferência antes do jantar.

CLEMÊNCIA – Não, titia: os dois infelizes perderiam o apetite.

VIOLANTE – Será como disse; e até domingo reservo-me o direito de absoluto recolhimento para mais tranqüila resolver sobre a escolha.

CLEMÊNCIA – Ao menos porém até o fim do sarau...

BRAZ – Ei-lo que termina a galope.

CENA XVI

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, AUGUSTO, POLIDORO, LEOPOLDO, galopada geral; os pares invadem a varanda por todos os lados; LAURIANO arrebatando Clemência; MÁRIO e IRENE galopam; CASIMIRO passa e volta galopando com uma jovem; ardor na dança. Augusto, Polidoro e Leopoldo cercam Violante.

BRAZ – Eu defendo a madrinha! não consinto que ela galope!...

FIM DO TERCEIRO ATO

ATO IV

Salão elegante, que abre ao fundo portas para a varanda, que se vê em parte; janelas ao lado esquerdo, abrindo para o jardim; portas ao lado direito.

CENA I

CASIMIRO e PORFÍRIO

PORFÍRIO – Isso não tem senso comum.

CASIMIRO – Digo-te que é um dever de honra, e um recurso para a felicidade da minha vida; seguindo teus conselhos, ofendi Irene, embora não ousasse deixar perceber a extrema e indigna proposição...

PORFÍRIO – Elas arrepiam-se muito no princípio, mas acabam por ceder; teima.

CASIMIRO – Não. Irene é um anjo de pureza, depois do que lhe disse, devo pedi-la em casamento; cumprirei o dever, e me farei ditoso.

PORFÍRIO – Irene tem dezoito anos; daqui a dezesseis anos terá trinta e quatro, e será ainda moça e bela; tu, então, contarás setenta, será inválido da pátria, posto fora do serviço ativo, e apesar teu contemplado na passiva.

CASIMIRO – Setenta anos!... não chego lá; quero passar em flores o resto da vida.

PORFÍRIO – Darás a Clemência madrasta dois anos mais moça.

CASIMIRO – Melhor; brincarão ambas como se fossem irmãs; elas são muito amigas; além disso... Clemência que trate de achar marido... já é tempo.

PORFÍRIO – E Mário?

CASIMIRO – Conheço-lhe o caráter; é de gênio revoltoso, mas por fim obedece-me sempre; hei de convencê-lo a entrar para o seminário de S. José, os padres lazaristas deve ganhar muito.

PORFÍRIO – Estás desarrazoando.

CASIMIRO – Nunca tive tanto juízo; olha, tudo me anda às avessas: a Acrobata adoeceu de bexigas e adeus amores! é pena: o ladrão da rapariga arrebatava! a mana Violante está doida, e quer casar; adeus herança! Eu ganho suficientemente no comércio

para manter com decência e algum luxo a minha família; e até para capitalizar dois a três contos de réis por ano; mas a paixão pelo belo sexo traz-me sempre a bolsa rasa, e cria-me dificuldades. Irene é pois um sábio recurso; com os seus encantos me fará esquecer todas as Acrobatas, me consolará do casamento de Violante, e me tornará caseiro, circunspecto, grave, econômico e feliz; não achas?

PORFÍRIO – Acho que é uma grande asneira.

CENA II

CASIMIRO, PORFÍRIO, BRAZ *que entra pelo fundo.*

BRAZ – Qual é a asneira? são tantas! agora serão pelo menos duas.

PORFÍRIO – Que lhe importa? nós nunca podemos estar de acordo.

CASIMIRO – Ao contrário, estou certo que desta vez o Braz me apoiará.

PORFÍRIO – Entende-te pois com ele. (*Indo-se*)

CASIMIRO – Espera: não tarda o jantar...

PORFÍRIO – Com o Braz à mesa a indigestão é infalível. (*Vai-se*)

BRAZ – Efeito do molho, tens medo da mostarda *et coetera*.

CENA III

CASIMIRO e BRAZ

CASIMIRO – Quero os teus conselhos; prometes ouvir-me e falar-me seriamente?

BRAZ – Conforme: eu canto segundo o gênero e o caráter da música.

CASIMIRO – Estou cansado de fazer loucuras impróprias da minha idade; ontem fiz a última.

BRAZ – Veremos, qual foi a última?

CASIMIRO – Direi depois; faço-te uma confidência de irmão: eu amo Irene...

BRAZ – Ainda hoje?

CASIMIRO – Hoje mil vezes mais.

BRAZ – Ah! de que data é a tua última loucura?

CASIMIRO – De ontem; já to disse.

BRAZ – Ah! *et coetera*; continua.

CASIMIRO – Amo Irene, mas ontem... eis a loucura... falei-lhe de um modo de que ela justamente se ofendeu... fui insensato... grosseiro...

BRAZ – Até aí muito bem pela conclusão, e Irene?

CASIMIRO – Tratou-me com o desprezo mais esmagador.

BRAZ – E tu?

CASIMIRO – Choro o meu arrependimento, e adoro-a perdidamente; sem Irene continuarei a ser o que tenho sido; com Irene me corrigirei e serei feliz; e tendo-a... des... des... desconsiderado um pouco... entendo que o dever por um lado e o amor pelo outro me ordenam...

BRAZ – A pedi-la em casamento *et coetera*.

CASIMIRO – Essas tuas *et coetera* me apoquentam...

BRAZ – Não faças caso; é costume: porém... essa idéia de casamento na tua idade, e no teu estado...

CASIMIRO – Esquece essas circunstâncias, e, abstração feita, aconselha-me.

BRAZ – Ah! abstração feita, aprovo unanimemente.

CASIMIRO – Não zombas comigo?

BRAZ – De modo nenhum; postas de lado aquelas circunstâncias *et coetera*,

aprova-se por força o teu projeto.

CASIMIRO – Falas sério, Braz?

BRAZ – Não vês? abstração feita...

CASIMIRO – Então... é o caso de me prestares o maior favor; Irene está arrufada... se te quisesse encarregar de falar-lhe... de convencê-la...

BRAZ – Encarrego-me, conta comigo; mas... atende, casamento de velho com menina é fazê-lo de improviso, ou falha.

CASIMIRO – Eu não me sinto velho; concordo, porém, e se fosse possível... amanhã mesmo...

BRAZ – Amanhã é impossível, Casimiro; há muita obra a fazer; primeiro alcançar a palavra de Irene, depois obter todas as dispensas na Conceição; tomo tudo a mim; se é que não estás abusando da minha simplicidade, basta que assines os papéis que logo te darei...

CASIMIRO – És meu irmão adotivo, não deves iludir-me, não podes gracejar em tão grave assunto...

BRAZ – Sou teu irmão adotivo, lembraste-o bem; farei por tua felicidade e por tua reputação mais do que esperavas em mim.

CASIMIRO – Braz! meu Braz!

BRAZ – Deixa para depois os agradecimentos; estou tomando gosto à negociação e ao serviço de que me encarregas pela mais interessante coincidência...

CASIMIRO – Que coincidência?

BRAZ – No domingo a madrinha proclama o seu casamento, e no mesmo dia poderás realizar o teu; mas... tu sabes, a alma do negócio é o segredo, e neste gênero de negócios...

CASIMIRO – Principalmente; ninguém me ouvirá palavra, confio em ti, farás tudo. Quanto à coincidência... se pudesses também convencer Violante de que não lhe está bem casar-se na sua idade... de que o ridículo, a murmuração de todos... o mal que faz a seus parentes...

BRAZ – No coração de uma velha o badalo do casamento soa mais forte que o bombo em música de timbaleiros; não há esperança: *lasciate ogni speranza*; a velha entra por força a porta do inferno.

CASIMIRO – Aí chega ela... eu vou passear pelo jardim... Violante me irrita com a sua mania: já brigamos hoje, é melhor sair...

CENA IV BRAZ e VIOLANTE

VIOLANTE(A *Casimiro*) – Pode voltar-me as costas quantas vezes quiser! agradeço-lhe a sua ausência...

BRAZ – Madrinha!

VIOLANTE – Pois não! tenho passado o dia em uma roda-viva; que tem ele de opor-se ao meu casamento?

BRAZ – Mas... eu não a julgava com tanto talento para a zombaria! tem tocado o sublime...

VIOLANTE – Por fim de contas... não tornes a falar-me assim... tenho uma idéia a ferver-me na cabeça... mandei-te chamar por isso.

BRAZ – Desde ontem à noite que a madrinha me está logografando com a idéia que lhe ferve na cabeça; ainda bem que me mandou chamar: às ordens!

VIOLANTE – Como te direi, Braz? tu és quase meu filho, atende-me e aconselha-me; mas... não olhes para mim com esses olhos espantados... por fim de

contas meteste-me a brincar com fogo... por um lado só a idéia do meu casamento pôs em fúria Casimiro contra mim, e me deu a mostra do pano, e do que devo esperar destes meus parentes; por outro lado, três moços bonitos, amáveis e cada qual mais extremoso, se oferecem a proteger e aditar meus últimos anos.

BRAZ – Madrinha... o que está dizendo... por quem é... uma senhora de tanto juízo... (*Mudando de tom*) bravo, madrinha! admirável!... até a mim própria iludia! representa perfeitamente!

VIOLANTE – Mas não há ilusão... é a idéia que me está fervendo na cabeça...

BRAZ – Estupendo! é de arrebatador! bravo, madrinha!

VIOLANTE – Pior! queres fazer-me perder a paciência? principias a faltar-me ao respeito!..

BRAZ – Como?... pois não é graça, madrinha?

VIOLANTE – Meu Braz, se eu não me casar, que contarei deste mundo no outro? e por fim de contas quem pode assegurar que eu não seja amada por meu marido? e ainda não amada, ele pelo menos fingirá amar-me, e há de cercar-me de cuidados para que eu lhe deixe toda minha fortuna: esse fingimento me fará feliz...

BRAZ – *Et coetera... et coetera...*

VIOLANTE – Não entendo.

BRAZ – Naturalmente: *et coetera* é grego; mas tem sua eloquência nestes casos.

VIOLANTE – Eu não pensava nestas coisas; tu me expusestes ao fogo... criaste a hipótese... fizeste-me desejar a realidade, oferecendo-ma ou mostrando-ma de perto!... Braz, a gente não é de ferro...

BRAZ – Ah, madrinha! a serpente não pensou que houvesse tentação para a Eva de sessenta e dois anos! sou o maior tolo do Brasil!

VIOLANTE – Reprovas também?...

BRAZ – Não digo isso... mas reflita por algumas semanas antes de se decidir... madrinha... a sua idade...

VIOLANTE – Não vem ao caso; com os anos que tenho, achei de uma vez três pretendentes à minha mão; parte deste princípio e raciocina.

BRAZ – Partindo desse princípio, não há que raciocinar: é casar *et coetera*.

VIOLANTE – Pretendes meter-me à bulha?

BRAZ – Qual! tenho visto disparates maiores; exemplo: o do... o da... o de... não acho agora exemplo; mas sem dúvida haverá muitos; a madrinha quer casar? aprovo; conte comigo em tudo, por tudo e para tudo.

VIOLANTE – Eu contava tanto com os teus epigramas como com a tua dedicação. Agora quero de ti um favor: preciso que até amanhã à noite, me tragas informações miúdas e completas sobre os meus três pretendentes.

BRAZ – Honradíssimos e desinteressadíssimos jovens: iguaizinhos todos três.

VIOLANTE – A tua voz tem um tom de ironia...

BRAZ – Não, senhora; apenas falei em grifo, como diz certo amigo; vá descansar, madrinha; amanhã lhe trarei o relatório das virtudes e das hipotéticas fraquezas daqueles três primores... serei leal, como sempre; vá descansar.

VIOLANTE – Sim, e preciso bem; desde ontem que não durmo... sinto uns abalos no coração...

BRAZ – Vá dormir sossegada; o seu casamento se fará *et coetera... et coetera*.

VIOLANTE – Tu és trigo sem joio. (*Vai-se*)

CENA V BRAZ e CLEMÊNCIA

BRAZ (*Acena para dentro chamando*) – Psiu! psiu!
CLEMÊNCIA (*Dando-lhe a mão*) – Como passou?
BRAZ – Melhor do que merecia; falemos com algum cuidado... (*Observando*)
CLEMÊNCIA – Que há?
BRAZ – Virei de bordo e venho bater bandeiras; abandonei o partido da madrinha e passo-me para o seu; não se admire, porque isto é trivial.
CLEMÊNCIA – Na minha questão com a titia dispenso absolutamente o seu apoio.
BRAZ – Dê forte, que bem o mereço; mas o caso tornou-se grave; na sua família manifestou-se a loucura contagiosa; é para fazer medo! não me espantaria se hoje ou amanhã a senhora se dirigisse à minha casa para pedir-me em casamento.
CLEMÊNCIA – Tranqüilize-se.
BRAZ – Não posso, porque esse é o caráter da epidemia; escute, guarde segredo e auxilie-me em seu próprio interesse; seu pai incumbiu-me de pedir para ele a menina Irene em casamento.
CLEMÊNCIA – É possível?!!! vou contar a Mário.
BRAZ – Deitaria tudo a perder.
CLEMÊNCIA – Meu pai então está doido?
BRAZ – Se a moléstia é reinante!
CLEMÊNCIA – Tem razão... gosto de Irene; mas se meu pai ma desse por madrasta... sim... era caso de correr a sua casa a pedi-lo em casamento... é demais!
BRAZ - Não se encolerize; ouça o que mais me ataranta: a madrinha, que instigada por mim fizera a famosa aposta com o único fim de castigar um pouco a sua vaidade, e de ensiná-la a conhecer a torpeza de certos homens, tomou gosto ao brinquedo e quer deveras casar-se.
CLEMÊNCIA – O senhor está gracejando.
BRAZ – O que eu estou é em brasas.
CLEMÊNCIA – Não... a titia diverte-se com os três ambiciosos, e dá-me boa lição...
BRAZ – Falo-lhe como amigo, e membro adotivo da sua família...
CLEMÊNCIA – Mas a titia quer fazer mal a todos nós, expondo-se a muito maior mal?... isso me aflige realmente.
BRAZ – Eis aí pois dois casos de loucura; sou, por felicidade, o confidente da madrinha, e o corretor da negociação casamenteira de Casimiro, mas preciso de auxiliares.
CLEMÊNCIA – Que posso eu fazer?
BRAZ – Muito, conforme as circunstâncias; na questão paterna há de facilitar-me hoje mesmo uma conferência com Irene; mas nem de leve indicará que a não quer por madrasta.
CLEMÊNCIA – Convém prevenir...
BRAZ – Deseja mais um doido na história? a senhora é homeopata, espera curar pelos semelhantes.
CLEMÊNCIA – Farei o que me ordenar.
BRAZ – Quanto à madrinha, estou ainda a ver navios; velha com esperança de casamento é mais teimosa que um galo da Índia a brigar; não sei que faça; a senhora, porém, descobriu um recurso, que me pode servir.
CLEMÊNCIA – Qual! estou aniquilada...
BRAZ – Deixe-se de fingimentos; pediu uma dilatação de três dias; para que? preciso saber tudo.
CLEMÊNCIA – Apelação de condenada; mme. Dubarry com o pescoço na

guilhotina dizia ainda ao algoz: “*un petit moment, monsieur le baourreau!*”

BRAZ – Desconfia de mim, não é?

CLEMÊNCIA – Desconfio: só tenho um recurso, espere por ele, e vá laborando, como puder, contra a loucura da tia, se é que não veio armar-me uma cilada.

BRAZ – Não tenho direito de protestar... ao menos porém trabalhemos de acordo; eu creio... mas o meu ouvido é ótimo (*Baixo*) são pisadas de velha; ela pode dispor de si! se fosse pobre, vocês haviam de empurrá-la! (*Baixo*) não faça caso: (*Alto*) esta oposição é pelo receio de perder a herança, com que calculavam! (*Baixo*) ataque-me de rijo: (*Alto*) a madrinha não precisa de tutores! (*Baixo*) proteste.

CLEMÊNCIA – Pois que se case... sentirá as conseqüências...

BRAZ – *Et coetera.*

CENA VI

BRAZ, CLEMÊNCIA e VIOLANTE, *que viera chegando*

VIOLANTE – A senhora também pretende por-me impedimentos?

CLEMÊNCIA – Não, senhora; case-se, e há de ver o que a espera; por mim já tive o que desejava, a dilação de três dias.

VIOLANTE – Que me importa a dilação? agora o caso é sério e nele só o Braz goza a minha plena confiança.

CLEMÊNCIA – Mas eu não prescindo da aposta.

VIOLANTE – Já ganhei-a, e vou deixar-te para tua consolação dois infelizes, como desprezados despojos do meu triunfo.

BRAZ (*A Clemência*) – Caráter da loucura epidêmica; não apuro as coisas. (*Alto*) É o que eu dizia: a madrinha vencerá, casará, e, celebrado o casamento, haverá festa, banquete, glória, *et coetera, et coetera.*

VIOLANTE – Ah, meu Braz!

CENA VII

BRAZ, CLEMÊNCIA, VIOLANTE e MÁRIO

MÁRIO – Revolução a consumir-se!

CLEMÊNCIA – Que temos?

MÁRIO – Sou outro, porque vou ser outro; decididamente quebrei com o meu passado: quebrei e era de razão; não era? tenho vergonha do que fui...

CLEMÊNCIA – Mário, tu nos assustas, que é que foste?

MÁRIO – Um vadio, o escândalo da sociedade, um traste sem préstimo; tenho vergonha... não é de razão? o que me abriu os olhos foi o sopro de um anjo.

BRAZ – Explica-te, relâmpago!

MÁRIO – Há uma hora que Irene me disse: “Juras amar-me e que me queres por esposa: em que te ocupas? qual o trabalho de que tirarás o pão para me sustentar?...” Olhei ao redor de mim e dentro de mim, por fora e por dentro achei-me no vácuo! Palavra de honra, tenho sido um vadio descomunal! não tenho? se são capazes digam em que me ocupo... digam... digam!...

BRAZ – Em trocar as pernas: é ocupação de muitos outros, como tu.

MÁRIO – Não as trocarei mais: Irene fez-me ver a verdade com a luz do amor.

BRAZ – Pois é raro que essa luz mostre assim as coisas.

MÁRIO – Virtude da fonte lucífera; as Irene também são raras o caso é que consumou-se a revolução; sou outro, porque vou ser outro, e não vendo hoje mesmo Hipogrifo, porque Irene mo proibiu.

BRAZ – Nisso ela errou: conservando Hipogrifo, ainda podes desencabrestar.

MÁRIO – Não tenha medo: quero estabelecer-me, trabalhar e enriquecer.

VIOLANTE – A resolução é ótima: que calculas ser?...

MÁRIO – Se eu pudesse, seria banqueiro; mas falta-me a matéria prima; não tenho riqueza... não tenho fundos...

BRAZ – Que asneira, Mário! para ser banqueiro basta o dinheiro dos outros.

MÁRIO – Quero um mister decente: arranjam-mo? vejam se mo arranjam, e cuidado comigo, que adoro os extremos; olhem, que sou capaz de ir quebrar pedras, ou de mostrar-me puxando uma carroça d'água.

BRAZ – E não te vexarias?

MÁRIO – Eu, vexar-me? chapéu desabado à cabeça, blusa a operário francês, calças grossas a ilhéu, sapatões ferrados a italiano, puxando o burro preso à carroça, erguerei orgulhoso a fronte ao passar diante das janelas de Irene, porque, vendo-me assim, Irene dirá: “É por mim!”

VIOLANTE – E nós? e o nosso vexame?

MÁRIO – Pois arranjem-me um mister mais decente: eu declaro que estou decidido, sou outro, porque vou ser outro, consumou-se a revolução.

BRAZ – Mas onde tens o capital para comprar dois burros pelo menos, a carroça e os barris?...

VIOLANTE – Para isso não te empresto dinheiro, não contes comigo por fim de contas.

MÁRIO – Nem eu preciso, vendo Hipogrifo: dois contos de reis... é querer.

CLEMÊNCIA – Nunca serás aguadeiro... seria um opróbrio...

MÁRIO – Opróbrio é ser vadio; arranjem-me ocupação mais decente e mais rendosa... concedo oito dias às vaidades de família...

CLEMÊNCIA – Papai trata de obter para ti um emprego público.

MÁRIO – Rejeito *in limine*, por duas razões: primeira, quero estar em oposição muito independente a todos os ministérios; segunda, um aguadeiro ganha mais do que os empregados públicos de escala superior.

BRAZ – Abaixo o aguadeiro! ofereço-te a administração duma pequena fazenda de café com cinqüenta escravos sob a condição de metade nos lucros.

CLEMÊNCIA – Excelente!

VIOLANTE – Que fazenda é essa, Braz? suponho que não será a minha.

MÁRIO – Também não aceito.

BRAZ – Então és incontestável.

MÁRIO – Não caio nessa; fora da cidade só casado com Irene.

VOZES (*Dentro*) – Mário!... Mário! Mário!...

CENA VIII

BRAZ, CLEMÊNCIA, VIOLANTE, MÁRIO e CASIMIRO

CASIMIRO – Mário, aí estão à porta dez ou doze cavaleiros teus amigos... bradam por ti... não ouves?

VOZES (*Dentro*) – Mário! Mário!

MÁRIO – Passeio oficial de *sportemen*... parece extraordinário e singular em S. Cristóvão... (*Luta interior*) tentação diabólica... eu tinha dado a minha palavra!

VOZES (*Dentro*) – Mário! Mário!

MÁRIO – Hipogrifo a brilhar... vou... não vou... (*Vai e volta*)

CASIMIRO – Há de ir... deves cumprir a tua palavra...

MÁRIO – Sou outro, porque vou ser outro... consumou-se a revolução... não

vou!

VOZES (*Dentro: batem com os açoitantes nas janelas*) – Mário! mandrião! vem!
MÁRIO (*Correndo à janela*) – *Relache par indisposition*: Hipogrifo constipou-se.

FIM DO QUARTO ATO

ATO V

A mesma sala do ato quarto

CENA I

CLEMÊNCIA e BRAZ, *que chega*

BRAZ (*Grande cumprimento*) – É de mestra!... agora, aconteça o que acontecer, não vá pedir-me em casamento; porque se arrisca à negativa certa.

CLEMÊNCIA – Tão feia ou má sou eu?

BRAZ – Nem feia, nem má; é porém um demoninho de arteira.

CLEMÊNCIA – Veremos nos resultados do artifício. Aqui todos guardam segredo: lembre-se que antontem se declarou do meu partido...

BRAZ – Bati bandeiras aos seus pés, estou rendido, hoje mil vezes mais.

CLEMÊNCIA – Eu o esperava ansiosa para assegurar-me da sua discrição...

BRAZ – Beijo-lhe as mãozinhas pela dúvida.

CLEMÊNCIA – Agora... desculpe-me... devo completar o meu *toilette*...

BRAZ – Bata as asas e voa já ao paraíso do espelho. (*Vai-se Clemência*)

CENA II

BRAZ e CASIMIRO

CASIMIRO – Braz... Braz... então?... falaste-lhe de novo?...

BRAZ – Tranqüiliza-te, Casimiro! estás que pareces desvairado! para mim são favas contadas; antontem falei-lhe pela primeira vez e sabes já que houve trovoadas e chuva; isto é, rugidos de cólera e lágrimas de dor...

CASIMIRO – Coitadinha!

BRAZ – Ontem de novo ataquei a fortaleza, e, como te disse, Irene defendeu-se com reticências... monossílabos... e enfim com um “saberá mais tarde” assobiado a tremer, que me fez ficar sabendo mais cedo...

CASIMIRO – Confia talvez demais na minha felicidade...

BRAZ – Tão seguro estou de conseguir o meu fim, que, obtida a permissão da mãe e do irmão de Irene, já alcancei todas as dispensas admissíveis para o casamento... em poucos dias teremos a boda.

CASIMIRO – Excelente amigo!... mas hoje?... tornaste a falar-lhe?...

BRAZ – Não há duas horas; Irene é como todas as moças; está morrendo por casar; mas faz-se de boa para ser muito rogada; insisti na história, e ela sorriu-se vaidosa... corou... vê?... foi como se começasse dizendo; “eu...” e pontinhos: depois suspirou... vê?... foi como se acabasse dizendo: “quero” com ponto final *et coetera*.

CASIMIRO – Mas... como, suspirou... isso já e muito, e todavia... pode não ser coisa alguma.

BRAZ – Enganas-te: isso é sempre alguma coisa. Irene caiu no laço; juro-te que desde dois dias o seu olhar, a sua fisionomia, os seus enleios, a sua respiração muitas

vezes comprimida, estão denunciando noiva.

CASIMIRO – É verdade que ela ontem falou-me com uma perturbação...

BRAZ – Queres mais claro?

CASIMIRO – Eu queria... o sim decisivo...

BRAZ – Também eu quis, pedi-o, e exigi-o ainda há pouco.

CASIMIRO – E ela?...

BRAZ – Quis falar... hesitou... apertou-me a mão, feliz Casimiro! e enfim, depois de muita confusão... rosas de pejo nas faces... agitação palpitante do seio, *et coetera*, afortunado Casimiro! ela murmurou a custo: “Poupe-me ainda... farei por chegar um pouco cedo para o banquete de d^a. Violante... e lá... se nos acharmos sós... o senhor me ouvirá... e ficará contente de mim.”

CASIMIRO – Oh! ela disse isso? que tu ficarias contente dela?... então é certa a minha dita, Braz! é a consequência...

BRAZ – Lógica, está claríssimo: o contrário fora absurdo *et coetera*; e por essa razão corri a esperá-la aqui; entendi-me com o irmão, que as acompanhará até a escada da varanda, e voltará depois.

CASIMIRO – Ah, meu Braz!

BRAZ – Traduzo ou interpreto: desejas ouvir a minha conferência com Irene.

CASIMIRO – Se fosse possível...

BRAZ – Vaidoso! vaidoso! é uma traição que a tua noiva me agradecerá; quando ela chegar, entra no teu gabinete, e da porta entreaberta ouvirás tudo. Feliz Casimiro! eu ponho-me de sentinela. (*Na janela*)

CASIMIRO – Muito padece quem ama!

BRAZ (*A janela*) – Com efeito um amor assim fora de tempo deve andar aos tombos pelas rugas do coração; mas a madrinha, que é oito anos mais velha do que nós, mostrou-te o caminho do casamento...

CASIMIRO – Que doida! que velha ridícula!

BRAZ – Desta vez é a madrinha que traz nos olhos a trave; mas o argueiro que está nos teus é de um tamanho colossal...

CASIMIRO – Eu sinto verdadeiro amor...

BRAZ – Também a madrinha diz que o sente; é questão de mais ou menos cabelos brancos nos dois amores... mas... Irene chega... como vem formosa! afortunado Casimiro! ao gabinete, perverso.

CASIMIRO (*Entrando*) – Conversa de modo que eu ouça distintamente.

BRAZ – Podes contar com isso: conversarei fortíssimo.

CENA III

BRAZ, IRENE e CASIMIRO no gabinete

BRAZ – Minha senhora, dou parabéns à minha fortuna, pois que a madrinha e d^a. Clemência ainda estão aprimorando os seus *toilettes*, e Casimiro e Mário provavelmente mostrando os seus.

IRENE – A fortuna de que fala é determinada pelo cruel dever de dar-lhe contas de mim ... compreendo que me cumpre falar, explicar-me, responder-lhe... mas custa-me... o vexame atormenta-me...

BRAZ – Na minha qualidade de homem é evidente que tenho menos vergonha e rompo a discussão, começando pelo fim, o que é mais em regra. Casimiro a adora; a sua mão de esposa vai aditar-me... uma só palavra sua resumirá mil discursos; diga – *sim* – , e está acabada não, mas principiada a história, e que história? *et coetera*.

IRENE – Devo ser franca: o sr. Casimiro está adiantado em anos e eu sou quase

menina; poderia sentir por ele somente amor filial; como lhe consagrarei amor de noiva? o nosso casamento seria muito desigual, e ainda isso é o menos.

BRAZ – Caio das alturas: pois há mais?... tenha a bondade de chegar-se para mim, que sou um pouco surdo (*Perto do gabinete*) pois há mais?

IRENE – Há: disse que ele é demasiado velho para uma miva de dezoito anos... tem três idades minhas.

BRAZ – Como?... esta surdez martiriza-me...

IRENE (*Mais alto*) – O sr. Casimiro tem três idades minhas.

BRAZ – Ah! isso é o menos: o que é o mais?...

IRENE – Pois que é necessário dizê-lo... confesso-o... eu já sou amada... e... amo...

BRAZ – Como?...

IRENE (*Mais alto*) – Já sou ... e amo...

BRAZ – Ah! essa circunstância... bilateral é bilateralmente grave.

IRENE – E ainda mais...

BRAZ – Mais?... então é o infinito na desgraça de Casimiro... estou caído das alturas *et coetera!*

IRENE – Não é o infinito, mas é o impossível moral e absoluto...

BRAZ – Que ilusão a minha! e eu que contava... mas então...

IRENE – O homem por quem sou amada, aquele que amo... sr. Braz...

BRAZ – Querem ver que sou eu...

IRENE – É... Mário... o filho do sr. Casimiro...

CENA IV

BRAZ, IRENE, CASIMIRO *no gabinete* e MÁRIO, *no fundo*

BRAZ – Como? esta surdez é o diabo.

IRENE (*Alto*) – O homem por quem sou amada... aquele que amo... é Mário...

BRAZ – Mário? a atrapalhão é séria; porém...Mário é um estróina.

IRENE – Tem o mais nobre coração... é jovem e belo; eu o amo...o seu defeito era a ociosidade... ama-me porém ternamente... (*Abre-se a porta do gabinete; Casimiro com os traços decompostos; Mário ao fundo entusiasmado*) eu conseguirei corrigi-la... e pelo encanto... pela pureza e santidade do nosso amor levá-lo a trabalhar, a ser útil a si, à sociedade, e a esquecer entretenimentos vãos. (*Casimiro sai arrebatado ao mesmo tempo que Mário avança*)

MÁRIO – Prova! acabo de vender Hipogrifo. (*Confusão de Casimiro*)

IRENE – Ah! meu Deus!

BRAZ (*A Casimiro*) – Contém-te, Mário chegou apenas a poucos momentos, e nada ouviu sobre tuas loucas pretensões... é indispensável que ele as ignore sempre.

CASIMIRO (*A Braz*) – Mas como está desmoralizada a mocidade! (*A Irene*) Minha senhora.

IRENE – Sr... Casimiro...

CASIMIRO – Peço perdão...entrei precipitado...

MÁRIO – Foi a mais feliz surpresa, meu pai.

CASIMIRO – Impertinente! sempre desassissado...

MÁRIO – Porque vendi Hipogrifo? dois contos para raiz de fortuna abençoada pelo amor de um anjo.

BRAZ – Adorável estróina, Deus te abençoe.

IRENE – Eu me confundo... e preferiria ir ver as senhoras.

CASIMIRO (*A Mário*) – Não compreendes que és inconveniente?

MÁRIO – Pois há mal no que disse?... meu pai, amo d^a. Irene, ela ama-me; logo nos amamos; eu era um vadio, agora vou trabalhar; prova de juízo, vendo Hipogrifo; o que falta só é que meu pai aprove o que falta.

CASIMIRO (*A Braz*) – Que lição cruel, malvado!

BRAZ (*A Casimiro*) – Deixa-te de tingir os cabelos; resigna-te à reforma de namorado *et coetera*, e sabe ser feliz pela felicidade de teus filhos.

CENA V

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, VIOLANTE e CLEMÊNCIA

VIOLANTE – Mil agradecimentos, d^a. Irene, por ter vindo honrar o nosso jantar, que será o do meu noivado.

IRENE – Renovo-lhe os meus parabéns, minha senhora; e o seu noivado quando será, d^a. Clemência?! espero ser convidada.

CLEMÊNCIA – Fiz dois votos: o primeiro para que nós duas tenhamos as nossas bodas no mesmo dia; o segundo, para que a titia assista a elas ainda solteira e sem noivo.

VIOLANTE – Esta pobre invejosa não passa de pragueta amalucada: a minha dita lhe tira o sono e faz delirar; em parte devo desculpá-la: o meu casamento, d^a. Irene, foi resolvido pelas linhas tortas com que Deus costuma escrever direito; principiou por brinqueado de aposta, e vai acabar em coisa séria. Ah! se eu lhe contasse toda a história... mas... bem vê que por fim de contas há no nosso sexo certas revoltas do pudor...

IRENE – Oh!... sem dúvida...

BRAZ – E com todas essas revoltas a madrinha casa-se por fim de contas *et coetera!*

CLEMÊNCIA – Quem sabe? eu hei de ver para crer...

VIOLANTE – O que pretendes é perturbar-me o espírito com temores vãos... ficaste vencida!

CLEMÊNCIA – Confesso; mas espero ficar sem vencedora. (*Impaciência de Violante*) titia, a que horas devem chegar os seus três pretendentes?

VIOLANTE – Às quatro horas precisas (*Consulta o relógio*) são apenas três... ainda tenho de esperar um século!

CLEMÊNCIA – E em uma hora transforma-se o mundo. (*A Braz*) Estou com medo...

BRAZ (*A Clemência*) – E eu não; confio muito nas misérias humanas.

CENA VI

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, CLEMÊNCIA, VIOLANTE e um criado, que apresenta em uma salva de prata uma carta a Violante e retira-se

VIOLANTE (*A Clemência.*) – Vê de quem é essa carta e o que contém.

CLEMÊNCIA (*Abre e lê.*) – Oh!

CASIMIRO – Que é?

CLEMÊNCIA (*Lendo.*) – “Minha senhora: cedendo, a meu pesar, a circunstâncias imperiosas, sou obrigado a desistir das minhas pretensões à mão veneranda de v. exa.; se, porém, o destino não me permite ser esposo, serei ao menos sempre de v. exa. o mais humilde criado... *dr. Augusto de Melo.*”

CASIMIRO – E esta?

VIOLANTE – É falso! Como não sei ler, a maldita invejosa abusa da minha ignorância. (*Toma a carta e dá-a a Braz.*) Braz, lê tu esta carta por fim de contas.

BRAZ (*Depois de ler para si.*) – Tal e qual, madrinha! E a letra e a firma são do dr. Augusto. Custa a crer... mas este... foi-se! *et coetera.*

VIOLANTE (*Dissimulando mal.*) – Por fim de contas, era esse o que menos me agradava dos três.

CLEMÊNCIA – Ah, titia!...

VIOLANTE (*Com força.*) – Ainda tenho dois.

CENA VII

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, CLEMÊNCIA, VIOLANTE *e o criado, que apresenta segunda carta a Violante e vai-se.*

MÁRIO – Este criado tem cara de correio de más novas.

VIOLANTE (*Confusa dá a carta a Braz.*) – Lê tu, meu Braz; lê porém direito...

BRAZ (*Abre a carta e lê.*) – *Et coetera!!!* “Excelentíssima: tendo empregado três dias em refletir, como v. exa. me ordenou, cheguei à triste convicção de que me cumpre declarar com o mais profundo respeito e dor acerba que dou o dito por não dito, e sou de v. exa. o servo mais dedicado. – *Leopoldo Pereira.*” Li muito direito: a madrinha quer arquivar a carta? (*Apresentando-a.*)

VIOLANTE – Deita fora esse papel sujo!

CLEMÊNCIA – A titia deve ter paciência, como eu tive...

VIOLANTE – Não me fales!... ainda me ficou o melhor dos três... por fim de contas o mesmo que eu estava resolvida a preferir... (*Senta-se agitada e abana-se forte.*)

IRENE – Mas de que modo se explica semelhante procedimento?

VIOLANTE – Juro que são intrigas desta pombinha sem fel! (*Mostra Clemência e abana-se muito.*) Por fim de contas está fazendo muito calor!...

CENA VIII

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, CLEMÊNCIA, VIOLANTE *e o criado, que apresenta terceira carta a Violante e vai-se.*

CASIMIRO – Terceira carta! Será possível que...

VIOLANTE (*Vai dar a carta a Braz, e arrepende-se; dá-a a Irene.*) – D^a. Irene, a senhora é uma santa...

MÁRIO – Apoiado, titia!

VIOLANTE – Uma santa menina que não me enganará: leia, leia a senhora.

IRENE (*Abre a carta e lê para si.*) – Ah! É demais! Não ousou...

VIOLANTE – Leia, ainda que seja a minha sentença de morte.

IRENE (*Lendo.*) – “Excelentíssima senhora: tenho a honra de participar a v. exa. que ontem fiz-me examinar por dois médicos, os quais me declararam com hipertrofia do coração, e condenado ao celibato para viver mais alguns anos que consagrarei ao amor platônico do belo sexo; assim, pois, coagido por força maior e maldizendo da minha hipertrofia, peço mil perdões a v. exa....”

VIOLANTE (*Arrebata e rasga a carta.*) – Basta! Muito obrigada pelo seu favor: por fim de contas... (*A Clemência.*) foste tu que os endemoninhaste... mas por fim de contas eles são três demônios.

BRAZ – Madrinha, tudo que Deus faz é por melhor; veja que de três harpias escapou; se se casasse com algum deles sabe o que teria de sofrer?...

VIOLANTE (*Encolerizada.*) – O que?... O que?... O que?...

BRAZ – Teria de sofrer... *et coetera, et coetera*, madrinha.

CASIMIRO – E ficamos sem noivo para o banquete do noivado!

BRAZ – Menos essa... já temos um... (*Mostrando Mário.*) e eis aí outro.

CENA IX

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, CLEMÊNCIA, VIOLANTE, LAURIANO e,
logo depois, PORFÍRIO.

LAURIANO – Minhas senhoras! Meus senhores! (*Cumprimento.*)

IRENE – Vens radioso de alegria...

LAURIANO – Felicitem-me! Acabo de saber que com ótima aprovação nos exames de suficiência, que fiz, estou habilitado para ensinar diversas matérias de instrução secundária e tenho já prévios ajustes para lecionar em quatro colégios: oito horas de trabalho por dia; mas é quase riqueza, e seria riqueza completa (*olhando Casimiro e Clemência.*) se me fosse dado reparti-la com a escolhida do meu coração...

BRAZ – *Et coetera*, Casimiro, *et coetera!* Isso é claríssimo, e cai do céu; não cai do céu d^a. Clemência?...

PORFÍRIO (*Arrebatado.*) – Que é dele?... Que é dele?... Quero abraçá-lo.

CASIMIRO – Quem?

PORFÍRIO – O capitão Jorge de Souza? Que é dele?...

BRAZ (*A Clemência.*) – Temo-la travada!

CLEMÊNCIA (*A Braz.*) – Agora pouco importa.

PORFÍRIO – Mas que é do capitão?

CASIMIRO – Estás doido?

VIOLANTE – Que capitão, senhor?... Não sabe que o meu infeliz primo Jorge morreu há dois anos em combate no Paraguai?

PORFÍRIO – Mas ressuscitou: no Paraguai muitas vezes se ressuscita; aqui está a gazetilha do *Jornal do Commercio* de hoje... (*Mostra o jornal.*)

VIOLANTE – Ressuscitou! Meu primo!...

PORFÍRIO – Estão cambando?... A gazetilha diz que a notícia é dada pela família; aqui está (*Lendo.*): “O capitão Jorge de Souza, que todos julgavam morto, escapando ao inimigo que o tinha prisioneiro, apresentou-se aos seus bravos companheiros no mesmo dia da vitória do Campo Largo e chegou ontem a esta corte no transporte de guerra”

VIOLANTE – Meu primo! Meu primo!

PORFÍRIO – Mas é de pasmar! Não os entendo... a gazetilha fala na senhora...

VIOLANTE – Em mim?... Essa é boa! Eu em letra redonda por fim de contas.

PORFÍRIO – Aqui está! Diz, que conforme condição expressa do testamento de seu tio e padrinho, a senhora, sua única e universal herdeira, estava obrigada a entregar toda a herança ao filho, o capitão Jorge de Souza, se em qualquer tempo ele aparecesse vivo...

VIOLANTE – Isso é uma grande mentira; não há tal condição no testamento!

PORFÍRIO – Vamos a melhor!... A gazetilha acrescenta que a senhora ontem mesmo apressou-se a fazer plena entrega da imensa fortuna que herdara, ficando em completa pobreza, mas abençoando generosa a chegada de seu primo. (*Violante mede Clemência de alto abaixo.*) Explique-me esta embrulhada...

CLEMÊNCIA (*Abaixando os olhos.*) – A titia perdoe... se a gazetilha não está bem redigida... para outra vez escreverei melhor.

PORFÍRIO – Eu fico às escuras!... Que quer dizer isto?

BRAZ – Foi uma aposta que acabou sem vencedora; pois o vencedor foi somente o dinheiro, que conquistou três miseráveis, logo depois fugidos em debandada ao anúncio da pobreza.

PORFÍRIO – Fiquei na mesma; o Braz quando não diz *et coetera* é ininteligível.

VIOLANTE (*A Braz.*) – Meu Braz, vexame até aqui! Por fim de contas não sei onde me esconda!

BRAZ (*A Violante.*) – Espere, que eu a salvo já. (*Alto.*) Basta de enganar estes pobres meninos: Clemência e Lauriano, Irene e Mário, tendes sido desde alguns dias objetos do nosso inocente divertimento; aqui não há velha noiva ridícula, nem velho com pretensões anacrônicas: ajoelhai-vos diante da tia benfeitora e do pai extremoso!

MÁRIO e CLEMÊNCIA – Como?... Então?...

BRAZ – Mário, eis as dispensas necessárias para que no fim de oito dias estejas casado com d^a. Irene; a assinatura de Casimiro nestes papéis esclarece tudo.

MÁRIO – Meu bom pai!... (*Recebe os papéis, e vai com Irene beijar a mão de Casimiro.*)

CASIMIRO (*A Braz.*) – Obrigado, Braz, obrigado. (*Aperta-lhe a mão.*)

BRAZ – D^a. Clemência, a madrinha nunca pensou em casar-se, quer viver, e vive para seus parentes, e ontem ordenou-me que tivesse pronto para cada um de seus dois sobrinhos um dote de cinquenta contos de réis.

CLEMÊNCIA – Titia... escuse-me as travessuras... sempre a amei... (*Beija-lhe a mão.*)

MÁRIO – Com o produto da venda de Hipogrifo, titia, são cinquenta e dois contos de réis para a minha Irene; não quero porém desigualdades; cedo um conto de réis a Clemência, e beijo-lhe a mão... vem beijá-la também, Irene!...

VIOLANTE (*À sobrinha e Irene, que lhe beijam a mão.*) – Me deixem!

BRAZ (*A Violante.*) – Cem contos de réis pela lição, madrinha... e negócio da China; aceite e cale-se.

VIOLANTE (*A Braz.*) – O que eu merecia era ir para o hospício de Pedro II; aceite e calo-me. (*Alto.*) E por fim de contas...

BRAZ – *Et coetera... et coetera...*